Cartas para a escola:

histórias, memórias e resiliência

Houve perdas,
houve dor,
mas também
houve mãos
estendidas,
corações
que acolheram
e esperanças
que nos
fizeram
recomeçar.



Entre águas
que levaram
muito,
ficaram histórias
que nos fizeram
mais fortes.

RS

Cartas que
guardam memórias.
Palavras que
constroem futuros.

Casa Leiria

José Edimar de Souza
Elisângela Cândido da Silva Dewes

CARTAS PARA A ESCOLA
HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESILIÊNCIA

Casa Leiria
São Leopoldo/RS
2026

CARTAS PARA A ESCOLA:
HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E RESILIÊNCIA

José Edimar de Souza e Elisângela Cândido da Silva Dewes

Os textos e imagens são de responsabilidade dos autores.
Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica

Catalogação na publicação
Bibliotecária: – CRB

SUMÁRIO

7 ENTRE PERDAS, INCERTEZAS E SOLIDARIEDADE: MEMÓRIAS DAS ENCHENTES, SOB FORMA DE PREFÁCIO
Terciane Ângela Luchese

10 CARTAS: UM MODO DE APRESENTAR NARRATIVAS PARA ESCOLA
José Edimar de Souza e Elisângela Cândido da Silva Dewes

13 A CRISE CLIMÁTICA, AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL E AS ESCOLAS-ABRIGO: BREVE CONTEXTO

16 MEMÓRIAS E RESILIÊNCIA: AS ESCOLAS-ABRIGO

18 CARTAS PARA A ESCOLA
19 Cartas de Canoas
27 Cartas de Campo Bom
36 Cartas de Esteio
45 Carta de São Leopoldo
49 Cartas de Rolante

63 PARA CONTINUAR A CAMINHADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

67 HISTÓRIAS QUE PERMANECERAM: CARTAS PARA A ESCOLA E PARA O FUTURO EM FORMA DE POSFÁCIO
Hildegard Susana Jung e Márcia Regina da Silva

70 REFERÊNCIAS

72 SOBRE OS AUTORES

ENTRE PERDAS, INCERTEZAS E SOLIDARIEDADE: MEMÓRIAS DAS ENCHENTES, SOB FORMA DE PREFÁCIO

Acredito que todo gaúcho que estava no Rio Grande do Sul ao final de abril e nos primeiros dias de maio de 2024 tem claras lembranças do que experienciou naqueles dias. Do início das chuvas e de sua incessante permanência por horas e dias a fio. O acúmulo das águas. O início das inundações. Os desmoronamentos. Os sentimentos de impotência, medo, insegurança e outros vividos em intensidades diferentes por pessoas que, como visivelmente percebemos, habitam territórios e uma sociedade marcadamente desigual. Perdas, inúmeras. As mais graves, certamente, a vida de pessoas. Mas também a vida de animais, profundas alterações e devastações ambientais, de infraestrutura e de produção econômica. É difícil dimensionar o tanto que se viveu naqueles dias em poucas palavras. Talvez nem mesmo seja possível dimensionar em palavras o desespero e a dor daqueles que foram mais violentamente atingidos. Mas não há dúvida que a devastação das águas marcou profundamente o território gaúcho e as pessoas que nele vivem. Pouco tempo depois do fim da pandemia, as recorrentes enchentes, somadas à mais devastadora de todas, em maio de 2024, também foram uma lição de solidariedade, de união, de superação e de esperança.

A mobilização do país (e mesmo internacionalmente) abraçou o Rio Grande do Sul. Gaúchos e pessoas de diferentes lugares trabalharam para resgatar, apoiar e minimizar, por meio das mais diversas ações, o sofrimento de quem mais precisava. Com o passar do tempo, as águas, que haviam tomado rapidamente espaços e cidades, recuaram lentamente. E, como esta obra demonstra, em muitos casos as escolas foram ocupadas e habitadas para proteger aqueles que não tinham para onde ir. As escolas tornaram-se abrigo. É certo que a metáfora da escola como abrigo poderia nos levar a outras possibilidades interpretativas, mas, na dureza dos dias que se seguiram às enchentes, elas foram, de fato, abrigo para muitos. Ali, colchões e colchonetes foram distribuídos; famílias se reorganizaram e cozinhas comunitárias foram criadas. É dessas vivências que trata o livro *Cartas para a escola: histórias, memórias e resiliência*, de autoria dos professores José Edimar de Souza e Elisângela Cândido da Silva Dewes. A obra constitui um registro histórico da percepção de estudantes da comunidade escolar gaúcha sobre as vivências, as experiências, os sentimentos e os impactos das enchentes.

Viver situações extremas, acontecimentos inesperados, de certo modo, nos confronta em nossa humanidade e pode revelar e até nos surpreender quanto a quem somos, individual e socialmente. Nas cartas de jovens con-

vidados a registrar memórias do vivido nas enchentes, pelas marcas e sentimentos deixados, vamos percorrendo páginas que passam a fazer parte da história recente do Rio Grande do Sul. As cartas narram lembranças do início das enchentes, sentimentos de gratidão pela solidariedade, descrições de situações de um cotidiano reinventado e acontecimentos vividos com a subida das águas. São vivências que narram coragem, solidariedade, desprendimento, a dor de perder, mas também a necessidade de resistir e recomeçar. Compõem o livro um total de 27 cartas, escritas por estudantes de cinco diferentes cidades gaúchas: Canoas, Campo Bom, Esteio, São Leopoldo e Rolante.

O livro faz parte de um conjunto de resultados da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), coordenada pelo professor José Edimar de Souza e intitulada *Histórias da Escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos*. O leitor agora tem em mãos um livro-documento que, entre situações compartilhadas por tantas e outras distintas, vai tecendo a narrativa daqueles dias, tramando memórias dos eventos vividos em torno das enchentes, sinalizando sentimentos como medo, insegurança, solidariedade, disponibilidade para a reconstrução coletiva, o papel de tantos prédios escolares tomados como abrigo, a suspensão das aulas, o acolhimento e o cotidiano no abrigo, bem como as incertezas sobre os dias futuros.

No convite feito pelos autores, aparece a sensibilidade de quem, sabendo-se pesquisador, opera a partir da experiência, oferecendo também a oportunidade de escrever, pensar, registrar o vivido e suas representações. As memórias evidenciam, no conjunto, o desejo expresso no calor do momento, aos 15 de maio de 2024, pelo gaúcho Carlos Nejar, membro da Academia Brasileira de Letras, na obra intitulada *Antielegia à enchente*.

Nas palavras de Nejar, que combinam com o sentimento expresso em muitas das cartas, "Erguemos a cabeça e a água não derruba o povo. [...] O povo é força que brota na semente. E árvore de gerações faz a floresta, que, de crescer, não cessa." Erguemos a cabeça; muitos se deram as mãos e, mesmo com cicatrizes, seguiram, lutando por dias melhores, reconstruindo, refazendo e tentando seguir. Passados quase dois anos, para muitos, as dificuldades permanecem. As reconstruções da infraestrutura seguem em curso. De toda forma, o leitor agora tem em mãos um registro dessas vivências, eivado de sentimentos e de aprendizagens que permanecem entre nós. Desejo boa leitura e cumprimento os autores e os organizadores pelas importantes e relevantes reflexões construídas.

Atenas - Grécia, julho de 2026.

Profa. Dra. Terciane Ângela Luchese
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

ANTIELEGIA À ENCHENTE

Carlos Nejar

Amo a água maternal,
água de me beber o sonho,
ou de ir-me purificando
na chama da luz.
E banha o tempo.

Amo a vegetação
da água, quando
a natureza se acende
no fulgor dos animais.
Ou a chuva que, em ervas,
canta e o sol na água nua,
como mulher que, de amor,
se apura.

Mas chuva, se excessiva,
mata, inunda casas, estronda
cargas de velhas nuvens,
afoga e é como as enchentes
roem a sombra de meu povo,
em tambor bate a fome.
E o desastre não socorre
a imberbe vida.

E vejo ruas, praças invadidas,
com água que nos engole,
água de perversa índole,
ferina, desatenta.
E sei que nosso pampa
na peleja, resiste.

Erguemos a cabeça
e a água não derruba
o povo. Não, a água
não. O povo é mais
que o rio, a enchente.

O povo é força
que brota na semente.
E árvore de gerações
faz a floresta,
que, de crescer,
não cessa."

CARTAS: UM MODO DE APRESENTAR NARRATIVAS PARA ESCOLA

José Edimar de Souza e Elisângela Cândido da Silva Dewes

A obra constituiu-se em um registro histórico sobre a percepção de estudantes da comunidade escolar gaúcha sobre as vivências, experiências, sentimentos e impactos das enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul no ano de 2024. Os alunos foram convidados, por meio das Secretarias de Educação/Escolas, a compartilharem as suas memórias e/ou expressarem os mais diferentes sentimentos produzidos a partir desse rememorar, por meio da escrita de cartas pedagógicas, destinadas às suas escolas, comunidades, familiares, amigos, voluntários e pessoas que, de algum modo, se sensibilizaram e ajudaram na reconstrução comunitária.

O livro integra os resultados da pesquisa *Histórias da Escola: modos de recompor identidades em contextos de desastres climáticos*, financiada pela FAPERGS e sob a coordenação do pesquisador e professor Dr. José Edimar de Souza (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – PPGEdu/UCS), com a colaboração da pesquisadora Dra. Elisângela C. S. Dewes (com bolsa de pesquisa da FAPERGS para o estágio de pós-doutoramento junto ao PPGEdu/UCS).

Percorremos diversos municípios das regiões Metropolitana, do Vale dos Sinos e da Serra Gaúcha, e com apoio das Secretarias Municipais de Educação e das Coordenadorias Regionais de Educação, vinculadas à Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS), apresentamos o resultado dessa nossa ação. Nesse sentido, as vinte e sete cartas pedagógicas escritas por estudantes das cidades de Canoas, Campo Bom, Esteio, São Leopoldo e Rolante, que compõem a obra, são mais do que relatos sobre as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul; são tramas de memória, que destacam afetos, perdas, solidariedade e reconstrução coletiva, experiências vividas pela comunidade escolar desses diferentes municípios gaúchos e que foram escritas a partir de uma carta-convite realizada pelos autores deste livro.

A ideia de um livro constituído por cartas situa-se no entendimento de que se pretendia, com o material analítico, evidenciar o que foi vivido por cada um e cada uma daquelas pessoas em circunstâncias adversas, suas histórias de vida, depoimentos espontâneos, narrativas de si, como "denúncia e anúncio", na perspectiva de contribuir para a transformação na sociedade, em sentido freireano. Escrevendo cartas, trocamos, nos conhecemos melhor, nos reconhecemos, reconhecemos o outro e nos conectamos ao mundo pela dimensão da empatia, por meio da "palavra-ação".

Narrativas que evidenciam vivências marcadas pelo medo, pela suspensão temporária da rotina, por perdas materiais e emocionais provocadas pela tragédia, mas também demonstram a força dos vínculos solidários estabelecidos, da empatia e da ação comunitária diante da adversidade. São memórias que evidenciam as sensibilidades e que contribuem para compreender como os sujeitos interpretam a realidade vivida, uma vez que as experiências são significadas de maneira subjetiva. Entretanto, embora percebidas individualmente, emoções e sentimentos também podem adquirir novos significados quando compartilhados e reconstruídos por meio das memórias coletivas. Como pondera Pesavento (2004, p. 8), ao compreender que "as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos".

As cartas apresentam sensibilidades e singularidades; são traduções de como essas crianças e jovens perceberam as experiências vividas e como essas sensibilidades ainda reverberam: a água tomando as ruas de suas comunidades, a destruição de casas e escolas, a suspensão de aulas, a busca por acolhimento nos abrigos, as dúvidas sobre o futuro. Isso porque a experiência é "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece" (Bondía, 2002, p. 21). Esses textos são a expressão da produção de sentido, para aquilo que foi doloroso, mas também para aquilo que aquece o coração e dá esperança – gestos de acolhimento e cuidado promovidos por familiares, vizinhos, professores, voluntários, instituições e comunidades, mobilizados para ajudar, para acolher e para contribuir para a reconstrução.

Desse modo, este compilado de cartas preserva memórias coletivas e individuais que destacam a capacidade humana de resistir, de aprender e de recomeçar; são testemunhos de resiliência, solidariedade e esperança. A obra também contribui para reafirmar a importância da escuta dessa comunidade escolar para um entendimento sobre como os impactos das enchentes continuam reverberando sobre esses sujeitos, para ajudar a construir outras possibilidades de ação, caso seja preciso, no futuro. Mas também é uma forma de fazer ecoar as vozes desses estudantes, reconhecendo e valorizando as suas experiências e os sentidos atribuídos ao que por eles foi vivido e/ou percebido.

Esta obra representa ainda uma possibilidade para se projetar "inéditos viáveis", no dizer freireano, daquilo que nos constitui como "Ser Mais", como forma de contornar "situações-limites" que se apresentam como se fossem determinantes históricas esmagadoras, mas que, pelas nossas necessidades mais autênticas, "[...] a esperança do e nos movimentos de aperfeiçoamento de nós mesmos e de nosso construir social-histórico [...]"

(Freire, 2008, p. 233), desdobramos a realidade em situações práticas de superação, de acolhida, de esperança de um futuro mais justo, mais humano e mais solidário.

Caxias do Sul, RS, julho de 2026.

Prof. Dr. José Edimar de Souza
Profa. Dra. Elisângela Cândido da Silva Dewes
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

A CRISE CLIMÁTICA, AS ENCHENTES NO RIO GRANDE DO SUL E AS ESCOLAS-ABRIGO: BREVE CONTEXTO

O ano de 2024 ficará marcado na história do Rio Grande do Sul como um tempo de tragédia, de dor e de perdas, mas também como um período de recomeço e de esperança que emerge da solidariedade.

Foi o ano em que uma das maiores tragédias climáticas do estado e do país atingiu a população gaúcha. Mas, ao contrário do que possa parecer, não foi uma tragédia isolada ou sem avisos da própria natureza sobre a potência de sua força. Já no ano anterior, em 2023, a região do Vale do Taquari, em particular o município de Muçum, foi duramente impactada por duas vezes, pela força das águas do rio, que devastou a cidade. Os habitantes da localidade ainda tentavam recomeçar a vida e voltar a uma dada normalidade quando, novamente, entre abril e maio de 2024, as águas do rio voltaram a tomar as ruas e a destruir essa tentativa de recomeço.

O monitoramento da rede hidrometeorológica nacional indica que houve, em média, pelo menos uma cheia anual em um grande rio do Rio Grande do Sul, que é banhado por duas grandes bacias hidrográficas – a do rio Uruguai (metade norte e oeste do estado) e a da Lagoa dos Patos (porção central, leste e sul do estado) –, demonstrando a suscetibilidade do Estado a cheias rápidas e intensas que atingem as cabeceiras dos principais rios, que ainda recebem contribuições de afluentes em regiões com elevados declives, baixa profundidade do solo e, por isso, propensas a inundações (ANA, 2025).

Em 2024, a combinação de chuvas intensas e de um alto volume com longa duração – algumas áreas registraram até 300 mm de chuva em um único dia – evidenciou a incapacidade de escoamento do alto volume de água. A Serra Gaúcha e as regiões dos vales dos rios Alto Jacuí, Taquari e Caí foram as primeiras a sentir o impacto do aumento do nível dos rios que banham essas localidades, alguns dos quais apresentaram elevação de até 20 metros em poucas horas. A vazão, inclusive, colocou várias cidades em alerta quanto ao risco de rompimento de barragens (ANA, 2025).

O Governo gaúcho declarou calamidade pública em 95 municípios e estado de emergência em outros 323. De acordo com a Defesa Civil, mais de 2,3 milhões de pessoas foram afetadas. Registraram-se 183 óbitos, 27 pessoas desaparecidas e 806 feridos. No período, foram realizados 77.712 resgates e foram registrados 581.638 desalojados. Para atender a essas pessoas atingidas pelas enchentes, em 117 municípios diferentes, foram organizados mais de 900 espaços de abrigo que acolheram 81.170 pessoas que

não puderam retornar às suas casas (Rio Grande do Sul; MIDR; ONU Brasil; GBM; BID; CEPAL, 2024).

Um número significativo de espaços de acolhimento foi organizado em instituições educativas – públicas e privadas, de educação infantil ao ensino superior; contabilizamos cerca de duzentas escolas-abrigo, a partir do censo realizado pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, entre os espaços que serviram ao abrigamento. Algumas escolas, impossibilitadas de seguir com as atividades letivas, em virtude do contexto de calamidade – profissionais e alunos afetados, estradas e acessos danificados – e com a lotação de outros espaços de abrigo, foram acionadas pelas secretarias municipais de educação e/ou grupos voluntários que organizavam o atendimento aos atingidos e cederam suas estruturas para realizar o acolhimento. Muitas delas permaneceram como abrigos por cerca de dois meses. Outras instituições atuaram como centros de coleta, organização e distribuição de donativos – atividade vital para que todos os espaços de acolhimento recebessem materiais, alimentos, remédios, entre outros bens essenciais para o funcionamento dos abrigos. E ainda houve as que foram duramente afetadas, tendo suas estruturas danificadas ou destruídas ou que não puderam ser acessadas por estarem situadas em áreas inundadas.

Foram contabilizados, por órgãos governamentais, cerca de R$ 2,46 bilhões em danos nas estruturas, equipamentos, mobiliário e materiais das instituições educativas. Estima-se que quase a totalidade dos 2,9 milhões de alunos tenha sofrido alguma perda em nível educacional. Os levantamentos apontam que 992 escolas e universidades sofreram algum dano; 433 instituições registraram danos mais sérios; e 41 foram consideradas inoperantes (Rio Grande do Sul; MIDR; ONU Brasil; GBM; BID; CEPAL, 2024).

Talvez nem todos os impactos na área da educação possam ser efetivamente mensurados. Afinal, não são somente as perdas vinculadas às instituições de ensino ou efetivamente à rotina escolar que impactam essas crianças e jovens estudantes. No decorrer da pesquisa, a partir de nosso contato com direção, professores, profissionais da educação e pais de alunos, chegamos ao entendimento de que as experiências vividas por eles durante as enchentes, em outras dimensões da vida, são igualmente repercussões significativas para a aprendizagem. Algumas delas reverberam negativamente, como as que emergem de narrativas de docentes sobre a preocupação com os impactos emocionais sofridos e com o acolhimento desses estudantes diante de novos episódios de alto volume de chuva, especialmente aqueles que viveram algum tipo de perda durante as enchentes de 2024. Ou a apreensão desses docentes diante da ampliação da situação de vulnerabilidade de algumas famílias.

Mas sob outra perspectiva, a escuta da comunidade escolar possibilitou o entendimento de que outras dimensões educativas foram alcançadas,

especialmente quando foi oportunizado a esses alunos um espaço de voluntariado, de exercício da solidariedade, de compreensão das diferenças e de reconhecimento da força coletiva necessária à reconstrução.

Essas múltiplas formas de vivenciar e significar as enchentes continuam reverberando nas trajetórias dos estudantes da comunidade escolar gaúcha. As cartas pedagógicas que compõem esta obra são um convite ao encontro com essas memórias, sentimentos e aprendizagens. Elas são registros que integram a cultura escolar, entendida como um conjunto de práticas, memórias, valores, representações e experiências construídas no cotidiano da escola e que, portanto, contribuem para compreender a escola como um espaço de produção cultural, no qual os sujeitos atribuem sentido às suas vivências (Escolano Benito, 2017). Por meio da narrativa dos estudantes – crianças e jovens – compartilham experiências marcadas por perdas, desafios, solidariedade, esperança e recomeços, permitindo ao leitor aproximar-se dos sentidos que emergiram de um dos momentos mais difíceis da história recente do Rio Grande do Sul.

MEMÓRIAS E RESILIÊNCIA: AS ESCOLAS-ABRIGO

É pela narrativa que o passado adquire um sentido prático, pelo qual conseguimos acessar representações significadas nas ações empreendidas no tempo. É desse modo que conhecemos um pouco do passado vivido, da tomada de decisões e das escolhas da vida cotidiana. Ao exercitar a memória, o sujeito realiza uma seleção e constrói, narrativamente, uma forma de rememoração: aspectos que escolhe lembrar (Errante, 2000).

Para Gindri (2024), a recuperação de vestígios da história e da memória, após o recuo das águas, possibilitou a recolha de "guardados afetivos", que assumiram outros sentidos a partir de um trabalho de recuperação e recomposição de memórias. Considerando que "Mais do que bens materiais, os atingidos pela tragédia perderam espaços e objetos que carregam sua identidade e o senso de significado em suas vidas" (Gindri, 2024, n.p.), esses vestígios, em um cenário de resiliência, podem ajudar a construir novas histórias, pois a memória fortalece a identidade e "restituir memórias [...] de uma pessoa é restituir sua identidade" (Candau, 2016, p. 16).

Para Faria Filho (2004), a escola como fenômeno educativo possibilita refletir sobre as políticas estabelecidas, os modos de constituição e organização dos saberes e das práticas escolares desenvolvidos em um determinado espaço e tempo, em diferentes situações e contextos. Nesse sentido, entendemos que as escolas-abrigo, bem como outros espaços da sociedade gaúcha que serviram de acolhimento, representaram lugares singulares nesse cenário e contribuíram para constituir novas identidades diante das experiências vividas.

As narrativas de estudantes, de pais e de membros da comunidade que foram acolhidos pela escola na sua processualidade histórica de inserção e compromisso com os seres humanos vão tomando a história e construindo as relações socioculturais, transformando o espaço em território constituído naquela situação análoga; pela sua generosidade, pela solidariedade, pela beleza dos gestos que se concretizaram.

Como evidenciamos em outros trabalhos (Souza, 2026; Salatino; Souza, 2026), as memórias de diferentes pessoas que foram atingidas pela enchente histórica de 2024 nos ensinam sobre as percepções, os sentimentos e o modo como cada pessoa significou aquilo que viveu, seja por meio de contribuição na linha de frente, de recuperação, de organização, de produção, de acolhimento, ou mesmo de atuação em abrigos, cozinhas solidárias, enfermarias, dormitórios e refeitórios improvisados.

Souza e Dewes (2025) acrescentam que a escola-abrigo foi o lar temporário para muitos professores e profissionais que também passaram pela

mesma situação da maior parte da população gaúcha; nesse contexto, além de atuarem nos abrigos, vivenciaram experiências que contribuem para a reflexão de que as escolas-abrigo se reafirmam como lugares de proteção e de desenvolvimento – ambientes onde o cuidar, o resistir e o reconstruir se transformam em experiências geradoras de conhecimento tanto para os acolhidos quanto para a comunidade escolar que atuou como voluntária.

O mundo, tal como o vemos, nos apropriamos e transformamos, é sempre um mundo qualificado, repleto de inovação, construído socialmente pelo pensamento. Mas podemos transformar esse mundo pela força da coletividade, bem como quando assumimos a responsabilidade social e tornamos nossos gestos em educação solidária para a formação cidadã e para uma consciência sobre o bem-estar da coletividade nos vínculos e memórias que produzimos. Afinal, "cada objeto perdido conta uma história interrompida pela água" (Salatino; Souza; Munhoz, 2026, p. 44).

O imaginário compõe-se de representações do mundo vivido e experimentado, pela história que construímos (Pesavento, 2006). É nesse sentido que as escolas-abrigo, como campos simbólicos onde se partilharam experiências, foram lugares em que novos futuros se desenharam e novos sentidos de práticas em sociedade se concretizaram.

CARTAS PARA A ESCOLA

Canoas
Campo Bom
Esteio
São Leopoldo
Rolante

Canoas, 2 de abril de 2026

À Comissão Organizadora,

Escrever sobre o período das enchentes de 2024 traz a percepção imediata de que há mais a ser dito do que sou capaz de expressar. Resta-me, portanto, iniciar esta narrativa de forma cronológica.

Antes da enchente, em uma quarta-feira, atendi às aulas pela manhã e permaneci na escola à tarde para reforço de conteúdo. Ao chegar em casa, fui surpreendido pela visita do meu tio — uma situação atípica que me chamou a atenção. Ao ouvir a conversa, descobri que o grupo do bairro já alertava sobre a possibilidade de uma inundação.

Senti que algo estava errado. Corri ao meu quarto, organizei meus pertences, separei minhas ferramentas e preparei três mochilas com roupas, levando-as para um anexo elevado que possuíamos na época. Naquela madrugada, embora devesse ir à escola, algo me fez ficar. Durante a manhã, eu, meu pai e meu irmão monitoramos a água que subia pelos bueiros e tomava as ruas. Ao perceber que o nível atingiria proporções extremas, decidimos que eu e minha mãe iríamos para a igreja para evitar riscos maiores. Organizamos mantimentos e roupas e partimos. Meu pai retornou para casa a pé e, poucos minutos depois, recebemos a notícia de que o bairro estava submerso. Perdemos o contato com ele e meu irmão por um tempo angustiante. Eles foram resgatados por um vizinho, pois ficaram presos devido à velocidade com que a água subiu; por pouco, a história não teve um fim trágico. Infelizmente, meu gato ficou preso no anexo e, apesar de uma tentativa posterior de resgate, não sobreviveu.

O período que se seguiu foi uma penitência. Após dias tentando nos manter, conseguimos abrigo na casa dos pais de um amigo da família, que estava fechada há treze anos. Ali, o trabalho tornou-se o foco: gerir as pessoas abrigadas, conseguir água e

comida. Destaco minha mãe que, mesmo no limite de sua saúde mental, organizou junto a médicos da Santa Casa de Porto Alegre o fornecimento de medicações, especialmente as de uso controlado. Exalto também meu irmão que, diariamente, da alvorada ao anoitecer, auxiliou o meu tio na evacuação dos bairros e na recuperação de ferramentas essenciais.

O período das enchentes será uma cicatriz que carregarei para sempre. Ver uma vida inteira reduzida a escombros empilhados é uma dor difícil de comparar. Em relação aos estudos, o impacto foi severo. Eu já enfrentava dificuldades antes da enchente e, embora tenha tentado me reestruturar, o caminho foi árduo e marcado por falhas. Em 2025, mudei-me para Porto Alegre e passei boa parte do ano em casa para auxiliar meu pai na supervisão da reforma da nossa residência. A fase crítica passou, mas trago comigo a gratidão. Agradeço à Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha, ao Grêmio Estudantil e à equipe Máfia da Graxa pelo auxílio fundamental. Sinto-me em dívida com tantas pessoas que seria impossível listá-las.

Finalizo este relato reiterando que muitos detalhes e processos rotineiros são impossíveis de compartilhar devido à complexidade do que vivemos. Agradeço pela oportunidade de compartilhar minha história e pelo interesse no tema.

Atenciosamente,

Felipe Raoni Jardim Garcia

Aluno da Fundação Liberato Salzano Vieira da Cunha



Canoas – RS, 16 de abril de 2026

Estimados doadores,

Escrevemos com profunda gratidão, em nome de todos os afetados pela enchente no Rio Grande do Sul.

Agradecemos a todos que contribuíram com alimentos, roupas, abrigos, atendimento médico e outras formas de ajuda. Em um momento tão difícil, a solidariedade de vocês foi essencial para apoiar milhares de pessoas e iniciar a recuperação do estado.

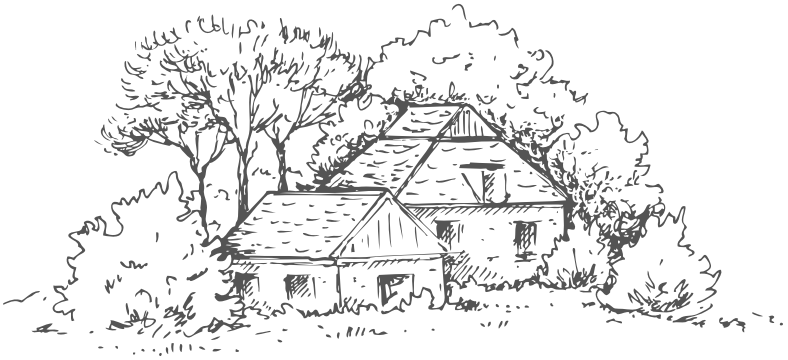
Destacamos também a colaboração de grandes empresas, como a Petrobras e de clubes de futebol, como o Palmeiras, além de tantas pessoas que ajudaram familiares, amigos e até desconhecidos.

Cada gesto fez a diferença e trouxe esperança em meio à tragédia.

Com gratidão,

Nicollas Estigarribia Ribeiro da Silva
Cauã Alano Soares
Vitória Christina Figueiro de Abreu
Felipe de Vasconcellos Borgo

Alunos da turma 8B da Escola Arthur Oscar Jochims



Canoas – RS, 9 de abril de 2026

Prezados acolhedores,

No dia 3 de maio de 2024, fomos surpreendidos por uma das maiores tragédias da história do Rio Grande do Sul. Em meio ao caos, vocês fizeram a diferença. Graças à ajuda de vocês, muitas vítimas da enchente encontraram abrigo, segurança e um pouco de conforto em um momento tão difícil — mesmo que o medo e o trauma ainda estivessem presentes.

Hospitais, igrejas, escolas e clubes abriram suas portas no auge da crise. Cerca de 81 mil pessoas foram acolhidas. Essa tragédia deixou, em média, 185 vítimas fatais e 23 pessoas desaparecidas, marcando profundamente a história do estado.

Bairros como Mathias Velho, Rio Branco, Niterói e Mato Grande foram duramente atingidos, com a água chegando até o teto das casas. O Hospital de Pronto Socorro de Canoas foi completamente inundado, e pacientes em estado grave precisaram ser resgatados de helicóptero nos andares superiores.

Diante de tudo isso, o apoio de vocês foi essencial. Mais do que oferecer abrigo, vocês ofereceram dignidade e esperança em um dos momentos mais difíceis já vividos.

Com gratidão,

Milena Gularte de Araujo
Juan Gustavo Dias Vargas Berto
Aysha Bethina Ferreira Machado
Ana Júlia de Souza dos Santos



Canoas – RS, 9 de abril de 2026

Queridos animais,

Durante a enchente que devastou o Rio Grande do Sul, muitas pessoas correram para salvar suas próprias vidas — o que é compreensível diante de tanto desespero. Mas, em meio a tudo isso, muitos de vocês foram deixados para trás, enfrentando sozinhos o medo, a fome e a força da água.

Vocês, que sempre ofereceram carinho, lealdade e amor sem pedir nada em troca, foram tratados, em alguns momentos, como se fossem objetos. Mas vocês não são. Vocês sentem, sofrem, amam — assim como qualquer ser vivo. Cada olhar assustado, cada latido ou miado perdido no meio da enchente carregava um pedido de ajuda que nem sempre foi ouvido.

Mesmo diante dessa realidade tão dura, houve quem lembrasse de vocês. Houve quem parasse e pensasse: “eles também precisam de ajuda”. Pessoas se mobilizaram, se uniram e enfrentaram a enchente com coragem para resgatar aqueles que ainda resistiam. Foram dias de luta, de esperança e de solidariedade. Graças a essas atitudes, muitas vidas foram salvas.

Infelizmente, nem todos conseguiram sobreviver até a chegada do socorro. Essa é uma dor que fica, uma ausência silenciosa que marca para sempre. Muitos animais foram levados pela água, outros não resistiram ao frio, à fome ou ao abandono. É impossível não se entristecer ao lembrar de cada vida perdida.

Mas, entre perdas e resgates, também houve recomeços. Muitos de vocês ganharam um novo lar, uma nova família, pessoas dispostas a oferecer o amor e o cuidado que sempre mereceram. Em meio à destruição, nasceram novas histórias, cheias de afeto e esperança.

Esta carta é, acima de tudo, um agradecimento. Agradecimento pelo amor incondicional que vocês sempre nos deram, mesmo quando o mundo não foi justo com vocês. Pela companhia silenciosa, pela alegria nos dias difíceis e pela lealdade que nunca falha.

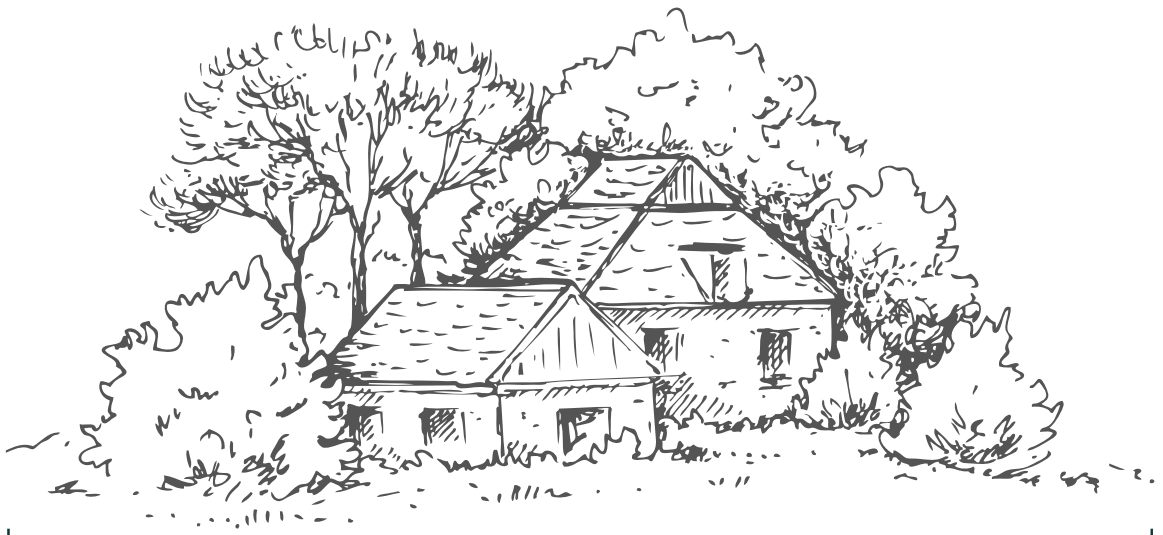
E também é um compromisso: que possamos aprender com essa tragédia. Que nunca mais vocês sejam esquecidos ou abandonados. Que, em qualquer situação, sejam reconhecidos como parte da família, como vidas que importam.

Vocês não são apenas "animais". Vocês são companheiros, são amigos, são família. E sempre terão um lugar em nossos corações.

Com carinho e respeito,

Yasmin de Oliveira
Pablo Miguel Ferreira Alves
Vitória dos Santos Soares
Pedro de Oliveira Veronez

Alunos da turma 8B da Escola Arthur Oscar Jochims



Canoas – RS, 9 de abril de 2026

À Secretaria de Assistência Social,

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul enfrentou uma inundação contínua e sem precedentes, causando grandes estragos em diversos municípios, especialmente na Região Metropolitana e no Vale do Taquari. Cidades foram devastadas, milhares de lares destruídos e a tragédia resultou em 184 mortes e 25 pessoas desaparecidas.

Esse desastre marcou profundamente toda a população, atingindo direta e indiretamente o estado inteiro. Escolas foram transformadas em abrigos e precisaram ser fechadas, muitas pessoas perderam seus pertences e até o contato com familiares. Até hoje, há quem sofra com as consequências emocionais, como pesadelos, crises de ansiedade e tristeza constante.

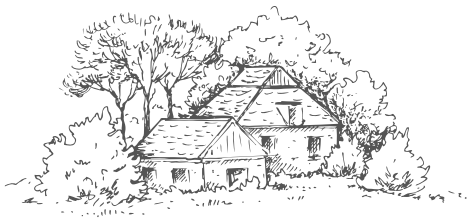
Agradecemos a todos que contribuíram com doações de roupas, brinquedos, alimentos e outros itens essenciais. Cada gesto fez e continua fazendo a diferença.

No entanto, ainda precisamos de ajuda. Doações de alimentos, roupas e outros recursos continuam sendo fundamentais para apoiar as famílias que seguem em processo de reconstrução.

Atenciosamente,

Maria Clara Bittencourt

Aluna da turma 8B da Escola Arthur Oscar Jochims



Canoas – RS, 9 de abril de 2026

Honrados doadores,

Agradecemos profundamente pelas doações e por todo o apoio aos sobreviventes dessa grande catástrofe. Mesmo as menores contribuições fizeram a diferença, pois sabemos que cada gesto veio do coração — e isso tem um valor imenso para todos os gaúchos e gaúchas.

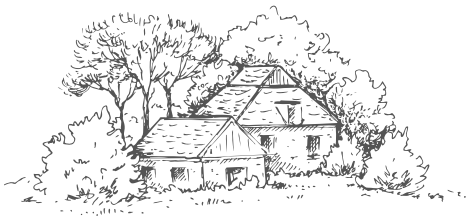
Nossa gratidão se estende a todos que ajudaram com abrigos, alimentos, roupas, recursos financeiros e atendimento médico. Também reconhecemos aqueles que auxiliaram na limpeza das casas destruídas e no resgate de animais feridos. Cada ação foi essencial para amenizar o sofrimento de tantas pessoas.

Milhões de pessoas perderam seus lares e bens, mas, graças à solidariedade de vocês, muitas conseguiram abrigo, cuidado e dignidade em meio à dor. As roupas doadas, por exemplo, representam muito mais do que itens materiais: são sinais de carinho, empatia e esperança para quem mais precisa.

Com sincera gratidão,

Pedro Henrique Santos Silva da Conceição
Pedro Henrique Geruntho da Rosa
Alice de Azevedo Martins
Matheus Santiago Dias

Alunos da turma 8B da Escola Arthur Oscar Jochims



Campo Bom, 16 de abril de 2026

Prezado Matheus, meu grande amigo,

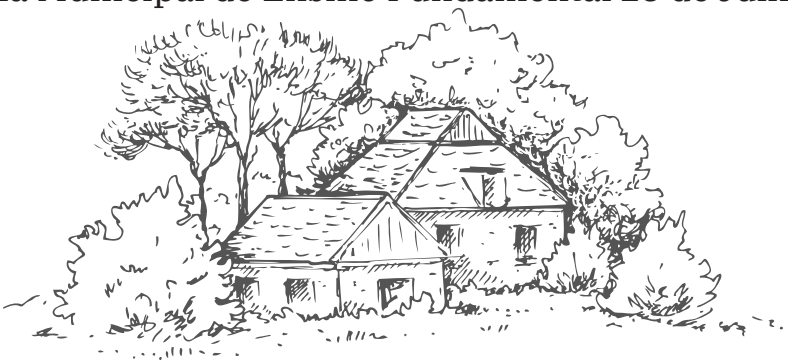
Olá Matheus, tudo bem com você? Espero que sim. Queria te atualizar de como as coisas andam por aqui no Rio Grande do Sul; achei que a enchente não seria tão grande, mas, pelo visto, me enganei. Aqui em casa, não pegou tanta água, pegou em um ou dois móveis, mas no resto do bairro foi bem feio. Alguns moradores foram para abrigos, por exemplo, no ginásio do CEI. Lá também estão doando roupas, alimentos e kits de higiene. Eu e minha família fomos lá pegar um pouco, nem tanto de material, mas sim de aconchego.

Não há muito o que fazer agora. Acho que a coisa certa é torcer para passar logo essa enchente, que a água abaixe logo para voltarmos ao normal, mesmo que demore para todo mundo se recuperar, espero que passe logo. E, normal, normal mesmo... nunca mais será. Um abraço, ainda que molhado, seja da enchente ou das nossas dores.

Atenciosamente,

Joana Maria de Oliveira

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho



Campo Bom, 16 de abril de 2026

Prezada EMEF 25 de Julho,

Escrevo esta carta para relatar um momento marcante e difícil que vivi recentemente. Tudo começou com muitas chuvas e os rios enchendo, depois, as notícias de que algumas cidades já estavam com água por toda parte, mas não nos preocupamos, pois os vizinhos que já moravam aqui há 28 anos falaram que a água nunca chegou na calçada.

Até que chegou o dia, o maldito dia, em que vimos o rio encher rápido, mais rápido que o normal, mas estávamos despreocupados, pois na nossa cabeça era impossível a água chegar à nossa casa. Com o aumento do rio, já estávamos achando estranho, já que nossos vizinhos haviam dito que a água do rio nunca tinha chegado ao portão. No entanto, deu 15h e a água estava no meio-fio, mas como eu disse, não achávamos que passaria dali. Às 17h, a realidade mudou, a água chegou no portão da nossa casa, ali começamos a nos preocupar de verdade.

À 00h meus pais mandaram que eu, minha irmã e meu cunhado saíssemos dali e ir pra casa da mãe do meu cunhado. Assim fizemos, levamos apenas a roupa do corpo. Quando deu 01h da manhã, meus pais ligaram dizendo que a água tinha entrado em casa; corremos desesperados para lá e meu pai foi buscar um caminhão para pôr nossos pertences dentro. Depois que ele chegou com o caminhão eles começaram a organizar nossos móveis e roupas, porém meus pais mandaram que eu ficasse lá dentro com o meu gato. Só de lembrar me dá arrepios, pois eu lembro da angústia que eu estava sentindo, o medo que percorria a espinha, e a dor de ter que enfrentar uma realidade nunca vivida antes.

Passaram-se horas, longas horas, pareciam que não acabavam nunca, até que, quando acabaram, já eram 05h30 da manhã e eu já não estava me aguentando em pé de tanto sono e cansaço. Fomos dormir, mas a luta não acabou por ali.

Achamos um lugar para “morar”, enquanto esperávamos a água baixar. Depois que a água baixou fomos finalmente para casa, mas quando chegamos lá, vimos que a água tinha levado tudo, bens materiais, memórias e a essência da nossa casa estavam irreconhecíveis, tudo sujo, cheio de lama, barro e um cheiro horrível que lembro até hoje. Nossos móveis, que não conseguimos tirar, estavam destruídos, e ali percebemos, que o que tinha nosso toque e afeto foi embora com a água e a lama que marcou nossos corpos, lembranças e memórias.

A enchente passou, e ainda hoje permanece o medo, o receio da dúvida diante da meteorologia. Contudo há certeza de que quando há união, a solidariedade ameniza qualquer dor. Foi assim com nossa comunidade, inclusive a escolar.

Despeço-me com a esperança de dias melhores e com a força que encontramos uns nos outros.

Atenciosamente,

Thayna Cordeiro dos Santos

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho



Campo Bom, 16 de abril de 2026

Prezada EMEF 25 de Julho,

Olá, meu nome é Allyson Camargo Teles, e escrevo esta carta para relatar a situação difícil que eu e minha família enfrentamos durante a enchente.

Perdemos tudo, pois as outras enchentes foram até a parte mais baixa da minha casa, mas essa última enchente começou a subir muito rápido. Então eu e meu avô erguemos as coisas com tijolos, mas não adiantou, quando eu e meu avô acordamos já tinha entrado uns 30 cm de água dentro de casa.

Tentamos tirar as coisas de dentro de casa, mas não tinha onde pôr. Um vizinho ajudou dando o seu porão para a gente pôr as coisas do meu avô, mas a gente não sabia que iria entrar água no porão. Quando começou a entrar água no porão eu e meu avô ficamos apavorados, tentamos achar alguma casa para dar um local para nós, não achamos, pois tinha água ou já tinha coisas de outras famílias. Tive que convencer o meu avô a pegar algumas coisas e deixar o resto. Como já não tinha muito a fazer ele aceitou, mas deu pra ver que ele estava muito triste pois sabia que ia perder tudo.

Nossa casa ficou 20 dias abaixo d'água, demorou bastante até abaixar a água do rio, e quando abaixou, a casa estava puro barro e tivemos que limpar tudo. Um vizinho emprestou o lava-jato dele e limpamos a casa, mas os móveis estragaram tudo, menos os sofás, pois os vizinhos perceberam que meu avô tinha perdido tudo, eles acharam algumas pessoas doando uns móveis bons para doar para o meu avô, que ficou muito feliz, mas também tinha estragado a estrutura da casa. Devagarinho ele foi conseguindo as coisas dele, e daí veio o auxílio do governo para abençoar as famílias atingidas pela enchente, e, pela glória do Senhor, ele ganhou, e conseguiu comprar novos móveis. Agora veio a casa para nos abençoar e

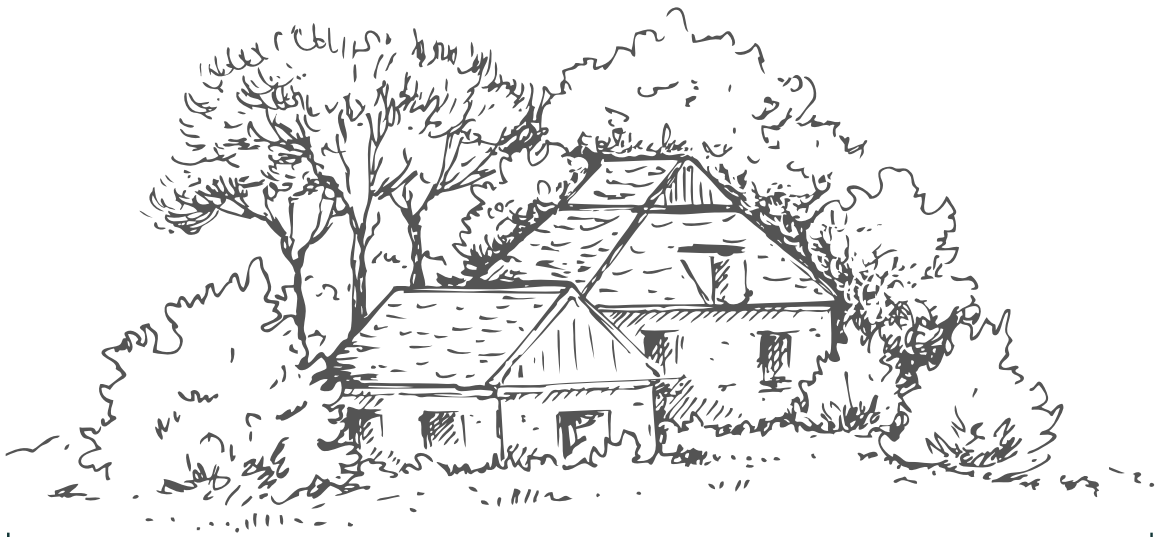
abençoar as famílias atingidas pela enchente, e meu avô também ganhou e conseguiu pegar uma casa, mas ainda não nos mudamos, mas ele se mudará esse mês, pois a casa dele está caindo.

Apesar de tudo o que vivemos, seguimos com fé e esperança de dias melhores. Essa experiência nos mostrou o quanto a união, a solidariedade e o apoio fazem a diferença nos momentos mais difíceis.

Atenciosamente,

Allyson Camargo Teles

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho



Campo Bom, 16 de abril de 2026

Prezada EMEF 25 de Julho,

A água nos cerca por todos os lados. Por enquanto, esperamos que ela abaixe, mas já sabemos que não podemos ficar aqui, talvez essa seja a única certeza.

Mesmo estando na minha casa própria, sabemos do perigo iminente, parece que nada mais nos pertence e que, aos poucos, estamos sendo expulsos sem cerimônias daquilo que pensávamos ser nosso. O medo e a tristeza nos consomem, uma angústia muito forte, bem mais rápido do que a água, invade nossos sentimentos.

Sem luz, sem bateria, a água guardada e fornecida pela prefeitura já está acabando. Só resta nós aqui, no meu bairro; esperamos um barco para nos levar a um local raso, mas e nossos pertences? Nossas casas? Nossas roupas? O que chamamos de nosso...? Tudo aquilo que construímos e conquistamos vai por água abaixo, e daí, eu penso: "É apenas bens materiais, nossas vidas valem mais, depois conquistamos de novo. Como? Eu não sei..."

Em meio à água, o sofrimento... o receio de deixar ir, a tristeza pelas mortes... por tudo aquilo que só o nada ficou. Em meio aos abrigos e lares cheios, existe lá no fundo, bem como no profundo das águas, uma esperança de poder recomeçar, a felicidade de ver alguém te ajudar, te doar, doar a outros que passaram por isso juntos. Criamos um vínculo invisível, que mostra uma forte e imbatível vontade de superar o medo constante junto àquela dor de ter passado por uma tragédia não tão natural assim, uma água que, se não correr, gera incerteza e medo... e nesses momentos, é preciso ter não somente a calma do mar do qual já fizemos parte, mas também da força das ondas que vêm... e voltam! Um dia, elas voltam!

Que nossas memórias sejam sem as marcas da enchente e que reproduzam o bem que aprendemos junto à comunidade.

Dedico para todos aqueles que passaram por isso, duas palavras muito importantes e únicas pra mim:

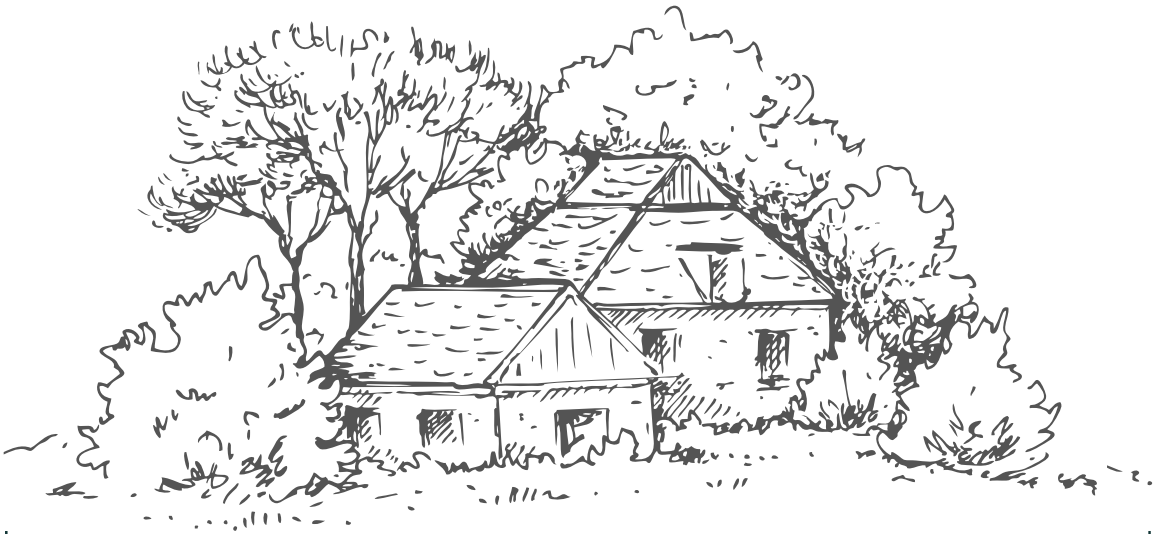
Ho'omau: ter persistência e paciência para continuar sem desistir.

Nankurunaisa: com o tempo, tudo se ajeita.

Atenciosamente,

Joana Mycaella da Rosa Lauterio

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho



Campo Bom, 16 de abril de 2026

Prezada comunidade,

Escrevo esta carta não como alguém que perdeu tudo, mas como alguém que viu de perto a força avassaladora da natureza e, ao mesmo tempo, a força ainda maior do espírito humano. Mesmo com minha casa de pé, a enchente de 2024 me atingiu profundamente.

Em cena contínua, vi as águas subindo, o medo nos olhos dos vizinhos, a angústia da incerteza de não saber para onde ir. Cada sirene, cada notícia, cada pedido de ajuda, cada olhar vazio, ecoava em mim como ar num peito apertado, aos solavancos, como se fosse o meu próprio lar em perigo. A sensação de impotência, de não ter aprendido a viver essa situação nos bancos escolares, era imensa, mas logo deu lugar à necessidade urgente de fazer algo, um movimento diferente daquele das águas, já tão comum na rotina de todos os gaúchos.

Minha casa permaneceu seca, porém não me sentia pertencente a ela e meu coração se "inflou" com a dor e a resiliência de tantos. Participei como pude, oferecendo o que tinha: um ombro amigo, um lugar para descansar, mãos para ajudar a organizar doações e até pensamentos, tempo para ouvir histórias que doíam o ouvido e cortavam a alma, de pessoas que falavam, mesmo no silêncio. Então lembrei que vi escolas se transformaram em refúgios e cada voluntário tornar-se um herói anônimo e, muitos deles, na minha escola, EMEF 25 de Julho, aquecendo o corpo e a alma de cada criança acolhida, muito além da sala de aula. Percebi neste ato que, sim, nossa escola havia ensinado a todos nós a enfrentar situações adversas na prática, sem precisar escrever ou decorar, porque ensinou-nos para a vida, para a educação cidadã e para a humanização.

A força que senti ao ver pessoas compartilhando o pouco que tinham, ver vizinhos se unindo para salvar uns aos outros foi algo que me marcou para sempre.

A enchente levou casas, pertences, memórias físicas e até vidas, mas não levou nossa capacidade de amar e de cuidar uns dos outros. Hoje, reconstruímos não apenas casas, mas também a confiança em nossa comunidade e em nosso potencial e, embora saibamos que os fantasmas rondarão nosso sono, acreditamos que nossos sonhos serão mais fortes do que o pesadelo, porque eles são coletivos.

Agradeço a cada um que, mesmo em meio ao caos, mostrou a beleza da solidariedade. A enchente é um lembrete doloroso de nossas vulnerabilidades, mas, sobretudo, é um alerta de que somos parte desse contexto divino e de que a celebração da continuidade da vida amanhã, depende muito das nossas ações diante da natureza hoje.

Que essa experiência nos una ainda mais e que nos ensine a valorizar o que realmente importa... a humanização!

Atenciosamente,

Manoela da Silva Ferreira

Escola Municipal de Ensino Fundamental 25 de Julho



Esteio, abril de 2026.

Minha vida nas enchentes

01: Uma semana antes

Dias antes da enchente tudo ocorria normalmente. Meus tios, meus avós, todos bem. Eu tinha recém ganhado um vídeo game Playstation 4, eu estava me divertindo muito. Eu e minha família estávamos planejando uma viagem nas férias de inverno.

02: No dia do acontecido

No mesmo dia minha tia e meu primo foram para minha casa. No começo do dia, quando eles chegaram o dia estava lindo na minha visão, o ar fresco com poucas nuvens no céu, mas do nada o céu escureceu, aí começou!

Uma chuva muito assustadora, na época eu gostava da chuva, mas essa não tinha um barulho reconfortante e sim assustador. Meu primo chorava de medo, os adultos ficaram preocupados e eu mais ainda.

03: A noite

À noite, o arroio em frente da minha rua subiu muito e eu via crianças brincando dentro do arroio e uma delas quase foi levada por causa da correnteza forte do arroio, com água, lixo e muita terra. Quando tirei o olho do arroio ele já estava transbordando, chegando na minha rua.

Quanto mais tempo passava mais o arroio subia, até que teve uma hora que a água estava entrando na minha casa lentamente, mas na minha visão muito rápida.

Minha mãe e meu pai estavam subindo o máximo de coisas para o segundo andar da minha casa. Todo o chão da casa já estava coberto com água escura. Enquanto subiam as coisas, a escada já estava completamente molhada, não submersa. E, numa dessas, eu bati minha cabeça na quina da escada e rolei, batendo minhas costas também.

Eu chorei de tanta dor, meu pai e minha mãe correram para me socorrer e não tinha como ir ao médico porque tudo já estava alagado e a água chegava ao peito do meu pai.

04: Dia dois

Quando acordei no dia seguinte meu tio tinha ido lá em um barco com pão, queijo, essas coisas. Depois disso, na água, tivemos que ir para casa da minha vó para ajudar, porque a rua dela era mais alta que qualquer rua e o esgoto da rua dela era ligado ao arroio, mesmo antes da água chegar na minha rua, a rua dela já estava alagada. Minha vó foi a que mais sofreu na enchente.

05: O apoio emocional

Dois dias depois da água ter invadido a minha casa, finalmente a água começou a descer. A água não chegou na casa dos meus tios e eles puderam nos ajudar fisicamente e emocionalmente, meus tios foram muito importantes na época.

06: A marca

A marca que essa enchente deixou marcou muito a minha vida. Nunca quis e nunca vou querer ter essa experiência novamente.

07: O que eu fiz

Na minha casa não sei porque ainda tinha água, ao invés de outras, quando a enchente acabou. Eu e minha família ajudamos as pessoas dando água limpa para eles.

08: O final

Toda essa experiência foi uma lição de superação, perda, confusão, etc., e deve servir de lição a vocês que estão lendo. Devemos superar todas as dificuldades que vêm ao longo da vida, independente da situação e enfrentá-las, sem negar todas as lições. Devemos levar isso pra vida, sejam firmes!

Aluno de 13 anos, do 8° ano.



Esteio, abril de 2026.

Minha querida escola

Minha querida escola, eu nem imaginava estudar na escola que me abrigou quando eu mais precisava!

Em 2024, mês de maio, aconteceu a enchente e eu vim contar como eu passei por todo esse tempo. No dia 5 de maio de 2024 choveu muito, vários rios transbordaram, muitas casas foram atingidas, muitas pessoas morreram. Dia 7 a água já estava nas ruas e onde eu morava tinha várias lombas, mas a água conseguiu chegar lá. Eu e minha família tivemos que sair de casa porque se a gente ficasse, na hora de sair ia ser tarde demais. Graças à escola Oswaldo Aranha, que nos abrigou por um mês, tempo suficiente para nos reestabelecermos e cuidar da nossa saúde. Nesse tempo eu não estudava aqui e estava com medo, porque eu não conhecia ninguém. Mas agradeço muito ao meu professor Eduardo Lettera e a vice-diretora Fátima Pacheco, que me fizeram me sentir mais segura e me ajudaram a perder o medo, embora eu ainda sinta.

E assim eu aprendi muitas coisas, com certeza uma delas foi que nunca devemos desrespeitar as pessoas, porque às vezes é aquela pessoa que mais nos ajuda quando a gente precisa. E uma lembrança que eu sempre vou ter e que foi nesta época que virei mocinha, com meus 12 anos, e sim tinha tudo o que eu precisava naquele momento.

No Dia das Mães eles fizeram uma apresentação para todas aquelas mães guerreiras. Dia 4 de junho chegou o dia de voltar para casa. A escola deu o que a gente precisava para recuperar tudo.

Sim, deu tudo certo! A gente conseguiu recuperar tudo. Nos mudamos para outro lugar mais alto e difícil para a água chegar.

Hoje em dia a gente está bem melhor. No início do ano passado comecei a estudar na escola que esteve aí quando precisávamos, Oswaldo Aranha. Hoje em dia eu sou muito grata a aqueles

que sempre nos ajudaram e por ter dado tudo que a gente precisava naquele momento.

E essa foi a minha experiência em 2024. Obrigada por ter me ajudado, escola Oswaldo Aranha!

Aluna de 14 anos, do 9° ano.



Esteio, abril de 2026.

Minha experiência durante a enchente de 2024

01. O acontecido

Dias iguais, mais uma semana igual, mais um mês igual, era só mais um ano. Era isso que eu pensava em 2024 até abril.

02. A semana

Na última semana de abril começou uma baita chuva, na época só pensei: "Vai ser só uma semana chuvosa". Até que um dia cheguei em casa e não tinha água nem luz. Meu vô falou que os rios estavam transbordando, foi a primeira vez que fiquei com medo de chuva, as aulas foram suspensas por tempo indeterminado, e, minha dinda, que sempre chegava às 19 horas, chegou às 13 horas e convidou meu vô e a mim para ver o bairro Novo Esteio.

03. Novo Esteio

Nós fomos ver as ruas e estava tudo alagado, mas era só o começo, a polícia tirava os moradores de suas casas para segurança de cada um. Minha casa era depois de uma lomba.

04. A rua da salvação

A única rua do meu bairro que não recebeu água foi a minha rua, no máximo ficou água na calçada, e todos os refugiados iam pra lá, quando queriam dar suplementos como água, cesta básica, ou itens básicos.

05. O real desespero

Cada dia com mais chuva, só piorava a casa dos meus tios, cada vez que a água subia o medo subia junto.

06. A polícia

Como não tinha luz e minha família tinha que carregar o telefone pra falar, a minha dinda e eu fomos no banco carregar o telefone nas tomadas e minha dinda foi no centro procurar coisas que a gente precisava e eu fiquei no banco até que uma família entrou e

viu eu sozinho e chamaram a polícia. Quando a polícia chegou, eles perguntaram sobre os meus familiares e eu respondi: “Minha dinda foi no centro pegar algumas coisas. Os policiais ficaram quietos por um minuto e depois responderam: “Você tem o número dela em algum dos telefones?” Eu respondi tranquilo que sim. Peguei o telefone da minha vó e liguei pra ela, depois de cair cinco vezes, na sexta vez ela atendeu e o policial tirou o telefone da minha mão e xingou ela horrores.

A minha dinda chegou, o policial quase prendeu ela, mas deixou ela ir e se acontecesse de novo ela seria presa.

07. Haja luz

Cinco dias depois do acontecido, a gente estava voltando pra casa, e da porta eu vi uma luz dentro de casa: era o micro-ondas. Fui correndo para dentro de casa e fizemos uma festa.

08. Sem água, só barro

Depois de a água descer das paredes das casas dos meus tios, fomos ajudar a limpar a casa, tinha barro em todo lugar, até o teto.

09. De volta ao normal

Depois de três meses ajudando meus familiares, era normal duas ou três vezes por semana. O normal era mais calmo agora, e eu percebi que esse normal chato e entediante era legal, calmo e ótimo.

10. A ajuda

Se você foi atingido pelas enchentes e até hoje tem medo de uma chuva? Ainda não conseguiu recuperar tudo?

Medo de chuva: pense na chuva como algo calmo e tranquilo.

Não recuperou tudo ainda: tente pensar na sua religião e no seu Deus, pense que ele fez isso pro seu bem, pois “quando uma porta fecha, outra abre”.

Pense que a chuva ajuda todos os seres vivos na terra (plantas, animais, humanos). Pense que ela só quer nos ajudar!

Aluno de 12 anos, do 7° ano.

Esteio, abril de 2026.

Enchente 2024...

Eu tinha três semanas aqui no Brasil quando eu e minha família fomos atingidos pela enchente. Primeiro, começou a chover muito forte e não parava de chover.

Quando a gente acordou do nada havia muita água na frente de casa e não parava de chover. Aí, meu pai começou a tirar todas as coisas de casa e levá-las para a casa do amigo dos meus pais, que morava mais acima. A água começou a subir muito mais.

E depois não tinha luz e estava ficando de noite; aí a gente saiu de casa e foi para a escola Vitorina Fabre, onde fomos muito bem atendidos e havia muita gente lá. Ficamos dois meses na escola; perdemos muitas coisas de casa. Depois voltamos para casa e com o tempo a gente conseguiu recuperar muita coisa.

Isso para mim foi uma coisa absurda que eu nunca na minha vida tinha passado, por isso foi muito ruim para muitas pessoas. Ainda bem que a gente ficou bem!

Bom, com isso aprendi muita coisa: que a família unida é mais forte e que eu fui atendido. Bom, eu me senti muito bem lá no abrigo, eu fui muito bem tratado. Foi muito ruim ver as outras pessoas saírem de suas casas com muita dor, porque a água estava subindo muito. Eu vi muitas pessoas saindo de suas casas e deixando coisas muito importantes por causa da água.

Depois que a água desceu também foi ruim porque deixou muita sujeira na casa e eu fui uma das pessoas escolhidas para ajudar as outras a limpar suas casas.

2025

Bem, 2025 foi um ano bom. O ruim foi a enchente, porque era um dia muito bom; já tinha ficado noite e começou a chover de repente. Meu pai tirou o carro e quando ele voltou tinha chovido muito mais, mas a gente mora agora em uma casa de dois pisos e não entrou água na casa.

Aluno venezuelano de 15 anos, do 9° ano.

Esteio, abril de 2026.

Enchentes de 2024

Na época da enchente vou contar um pouco da minha história. Começa assim: era uma noite quando me preparava para dormir; era eu, meus irmãos, minha mãe e meu padrasto. Neste dia estava chovendo muito e nós já estávamos muito preocupados com a chuva.

Então, quando fomos dormir, eu e meus irmãos acordamos na madrugada com a nossa mãe falando que a água estava subindo demais, então me levantei e fui pegar minha irmã pequena e fomos para o andar de cima, que no caso, era a casa da minha vó.

Fiquei vendo o que estava acontecendo pela janela, olhava a água subir rápido demais. Quando era três horas da manhã, eles terminaram de subir as coisas; então olhei do lado de fora da janela e, quando vi, era a água por todo o meu bairro; estava todo coberto por água podre e com cheiro horrível.

Estava assustada. Logo depois começou a chover forte demais e um fio de eletricidade arrebentou e começou a bater de um lado para o outro na água. Foi aí que ficamos sem luz e não dava para ver nada do lado de fora; estava tudo escuro.

Logo depois fui dormir, mas estava muito nervosa. Quando chegou o dia seguinte, a água estava parada, mas muito alta. Depois de me acalmar, fui tomar café; então, quando voltei, a água tinha subido mais três dedos de altura; já tinha atingido um metro; foi aí que ficamos muito mais preocupados e mais nervosos do que já estávamos.

Minha mãe falou com o meu padrasto; fiquei observando, e ele saiu de casa. Quando voltou ele estava em um barco junto com mais pessoas do bairro, entregando almoço para nós. Comemos e ficamos vendo a água baixar, mas ela não baixava de jeito nenhum.

Quando chegou a noite ouvimos um grito; meu padrasto pegou uma lanterna para ver melhor e era uma idosa que pedia

ajuda desesperadamente. Meu padrasto correu para salvá-la, mas ela pediu para resgatar os cachorros dela; então, quando salvou os cachorros, ele voltou e, quando foi chamar a senhorinha ela não respondia; então iluminou dentro da casa e a senhorinha estava boiando, pois a geladeira caiu por cima dela e ela, infelizmente, faleceu.

Logo quando meu padrasto voltou, o clima pesou direto; um barco passou e levou a senhora embora. Outro barco passou entregando comida para as casas; como a minha era de dois andares, eles entregaram pela sacada.

No outro dia a água baixou um dedo e ficamos felizes, mas a felicidade não durou muito; quando chegou a noite, a água começou a engolir um carro da minha rua; foi aí que a água alcançou dois metros de altura. Ficamos olhando o carro ser engolido pela água, e cada segundo que passava, a ansiedade aumentava. Foi quando ouvimos um barulho de carro: era um carro que tinha um motor em cima; ele era alto e começou a tirar as pessoas da frente da minha casa. Mas, quando eles foram sair, o carro não pegava, ficou falhando, e meu padrasto foi com o barco para ajudar.

Minha mãe olhou a escada da casa e viu que faltava um degrau para subir; então lembrou que deixou no alto uma televisão e pediu para a minha tia ajudá-la. Elas desceram as escadas; quando chegaram lá embaixo, a água estava com eletricidade e elas acabaram tomando um choque, mas conseguiram pegar a TV que estava no alto.

Mas, com tudo isso acontecendo, eu fiquei nervosa, com medo, com ansiedade, etc. Minha cabeça, naquele momento, começou a pensar coisas aleatórias e, com isso, cheguei a uma conclusão: aquilo nunca ia acabar.

O tempo passou e, em 15 dias, o meu coração provou que eu estava errada. Por que, no dia seguinte, a água também começou a descer rapidamente.

Aluna de 13 anos, do 8° ano.



A água levou tudo o que podia, mas não levou a nossa vontade de recomeçar. Escola Paulo Beck, enchente de 2024.

São Leopoldo, 16 de abril de 2026.

Carta de São Leopoldo

Entre águas e recomeços: a carta de quem resistiu

Escrevemos esta carta com o coração cheio de lembranças que ainda não aprenderam a ir embora. O que vivemos em 2024 não cabe apenas na palavra tragédia. Foi uma experiência que atravessou nossas vidas, mudou nossos caminhos e nos ensinou, da forma mais difícil, o que significa perder, resistir e recomeçar.

No começo, parecia distante. A água subia, mas a sensação era de que não chegaria até nós. Aos poucos, a realidade foi se impondo. Precisamos sair. Deixar nossas casas, nossos objetos, nossas histórias. Sair sem entender direito, sem tempo de organizar sentimentos, levando o que cabia nas mãos, e, às vezes, nem isso. O que ficou para trás não era apenas coisas. Eram pedaços de quem éramos até então.

Fomos levadas a abrigos e a outros espaços da cidade. Lugares que, naquele momento, deixaram de ser apenas construções para se tornarem abrigo no sentido mais profundo da palavra. Ali, dividindo colchões, silêncios e incertezas, convivemos com o medo – medo do presente, medo do que ainda viria. Mas, no meio disso tudo, algo inesperado floresceu. Encontramos pessoas. Pessoas que não sabiam nossos nomes, mas nos ofereceram cuidado; que não conheciam nossas histórias, mas nos deram escuta; que, mesmo sem ter tudo, dividiram o que tinham. Pequenos gestos que, naquele momento, tinham o tamanho do mundo. E foi ali que começamos a entender: quando tudo falta, o humano permanece.

Antes mesmo da retomada das aulas, o espaço onde aprendemos também se transformou. Tornou-se ponto de apoio, lugar de distribuição, de encontro, de ajuda. Chegaram doações de diferentes partes do país: alimentos, roupas, colchões, itens de higiene, produtos de limpeza. Cada caixa aberta era mais do que um conjunto de objetos; era um sinal de que alguém, em algum lugar, se importava. E isso nos sustentou.

Mesmo longe da rotina, voltamos para ajudar. Ainda abaladas e tentando entender tudo o que havia acontecido, estivemos presentes. Organizamos, limpamos, carregamos, acolhemos. Nesse movimento, fomos percebendo que aquele lugar não era apenas um espaço físico. Era parte de quem somos. Sentimos falta do que antes parecia comum: o barulho da sala, as conversas, as explicações, os risos, até mesmo as tarefas. A ausência nos ensinou o valor da presença. Enquanto isso, o prédio permanecia submerso.

Saber que aquele lugar havia sido tomado pela água do chão ao teto provocou uma dor silenciosa, difícil de explicar. Durante cerca de trinta dias, tudo ficou imerso. Com isso, vieram pensamentos que doíam: o que teria sido perdido? O que ainda existiria quando voltássemos?

Não eram apenas paredes. Eram memórias. Trabalhos. Histórias compartilhadas. Era o nosso cotidiano interrompido de forma brusca. Foram cerca de 90 dias de espera. Noventa dias de incerteza. Noventa dias tentando reconstruir por dentro aquilo que

ainda não podia ser reconstruído por fora. Até que chegou o dia de voltar. E voltar foi, ao mesmo tempo, encontro e choque.

O que vimos não era mais o mesmo. Marcas nas paredes, objetos danificados, sinais visíveis de tudo o que havia acontecido. Era como olhar para algo conhecido e, ainda assim, sentir que tudo havia mudado. A tristeza esteve presente. Mas não ficou sozinha. Junto dela, surgiu algo mais forte: a decisão de recomeçar. E recomeçar não foi um gesto único. Foi um processo.

Aos poucos, com cuidado, fomos reconstruindo. Limpando, organizando, reorganizando. Cada pequena ação carregava um significado maior. Não era apenas sobre arrumar um espaço, mas sobre recuperar sentidos, reconstruir vínculos, retomar a esperança. Aprendemos, na prática, o valor do coletivo. Sozinhas, nada seria possível. Juntas, fomos encontrando caminhos.

Outro desafio foi lidar com aquilo que a água deixou: os resíduos, o acúmulo de lixo, a transformação do ambiente. Foi impossível não refletir. Aquilo que antes passava despercebido ganhou outro significado. Passamos a olhar para o lixo de outra forma. Aprendemos a separar, a descartar corretamente, a pensar sobre consumo, sobre cuidado, sobre responsabilidade. Mais do que conteúdos, levamos dessa experiência uma consciência que permanece. Aquela vivência nos transformou.

Deixou marcas, é verdade. Algumas ainda doem. Mas também deixou ensinamentos que não se apagam. Aprendemos sobre resiliência, não como palavra bonita, mas como prática diária. Aprendemos sobre solidariedade, não como ideia, mas como ação concreta. Aprendemos que, quando tudo parece desmoronar, ainda é possível se reconstruir.

Hoje, ao olharmos para trás, ainda sentimos tristeza pelo que se perdeu. Mas o sentimento que cresce é outro. Orgulho. Orgulho por termos atravessado tudo isso. Por não termos desistido. Por termos encontrado força onde não sabíamos que existia.

Esta carta é, acima de tudo, um agradecimento. A cada instituição que nos acolheu. A cada pessoa que estendeu a mão. A cada gesto, palavra, presença. Vocês fazem parte da nossa história. E,

por causa de vocês, conseguimos continuar. Seguimos, agora, diferentes. Mais fortes, mais conscientes e mais humanas.

Com carinho e gratidão,

Alunas de 14 anos da turma 91/3026 da Escola Paulo Beck, enchente de 2024

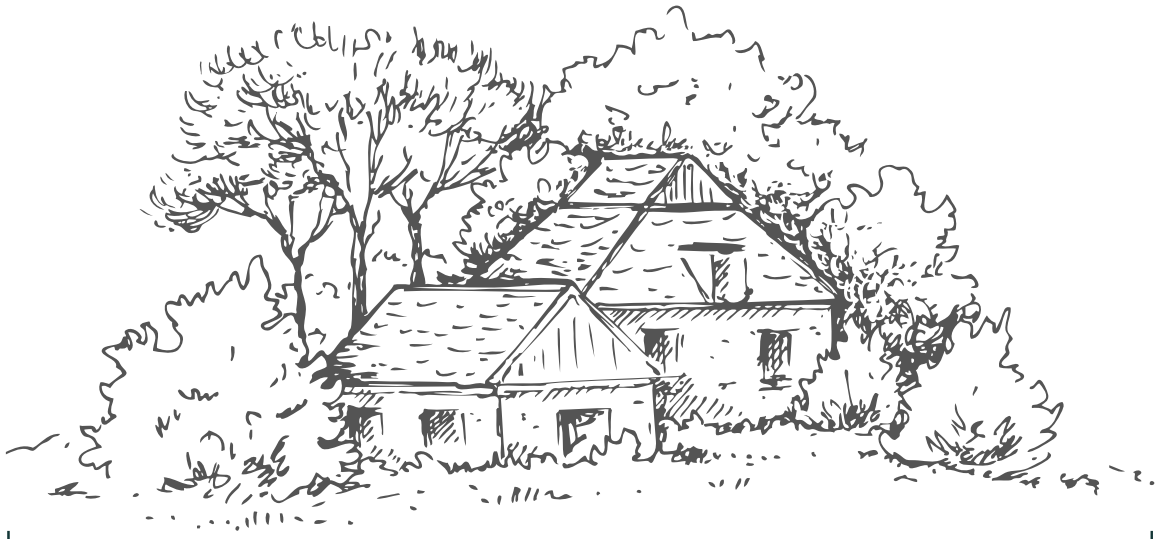
Pâmela Tainá Vieira

Pietra Queirolo da Silva

Yasmin Carolina dos Santos Aquino

Professora orientadora e colaboradora

Regina Maria Reitter



Rolante, 14 de abril de 2026

Prezada Fapergs,

Relato sobre as enchentes de 2024

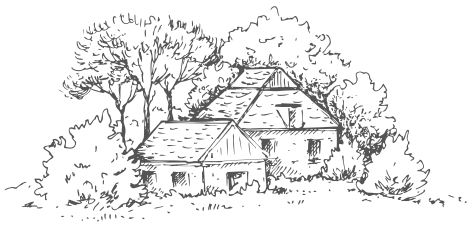
Venho por meio desta carta relatar e compartilhar minhas experiências e memórias sobre as enchentes que ocorreram em meados do ano de 2024, em nossa cidade.

Durante esse período, muitas famílias enfrentaram momentos difíceis devido ao aumento do nível dos rios, que causou alagamentos em diversas áreas. Casas foram atingidas; pessoas precisaram sair de suas residências e houve perdas materiais importantes. Foi uma situação de muita preocupação e tristeza para toda a comunidade.

Apesar das dificuldades, também foi possível observar a solidariedade entre as pessoas. Vizinhos ajudaram uns aos outros; voluntários se mobilizaram para arrecadar doações e oferecer apoio às famílias afetadas. Essa união fez muita diferença para enfrentar aquele momento tão complicado.

Gostaria de deixar registrado o quanto essa experiência foi marcante, pois mostrou a força da comunidade diante das adversidades e a importância de estarmos preparados para situações como essa.

Agradeço pela atenção.
Atenciosamente,
Altanan José da Silva



Rolante/RS, 17 de abril de 2026.

Ao Prof. José Edimar de Souza
Coordenador do projeto de pesquisa *Histórias da Escola: modos de recompor em contextos de desastres climáticos*.

Meu nome é Ana Lívia Moura de Borba, tenho 12 anos, sou aluna do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental 19 de Abril, e escrevo esta carta com a ajuda e colaboração da minha mãe, Sumaia Moura da Rosa, e do meu pai, Carlos Alexandre de Borba. Juntos, queremos expressar um profundo sentimento de gratidão, respeito e também compartilhar um pouco da nossa história — uma história que, assim como a de tantas outras famílias, foi marcada por medo, incertezas, mas também por solidariedade e humanidade.

No momento em que as enchentes atingiram nossa região, na localidade de Rolantinho, cidade de Rolante/RS, onde residimos, fomos surpreendidos de forma repentina. Eu e minha mãe estávamos sozinhas em casa quando a água começou a subir rapidamente, sem nos dar tempo para compreender a dimensão do que estava acontecendo. O cenário, que até então era de rotina e tranquilidade, transformou-se em tensão e desespero. A cada minuto, a água avançava, levando consigo não apenas objetos materiais, mas também a sensação de segurança que o nosso lar representava.

Diante daquela situação, o medo tomou conta de nós. Não sabíamos exatamente o que fazer, para onde ir ou como agir. Foi nesse momento que algo muito maior se fez presente: a solidariedade. Nossos vizinhos, com coragem e empatia, estenderam suas mãos, oferecendo ajuda, apoio e abrigo. Foram eles que, com gestos simples e ao mesmo tempo grandiosos, nos ajudaram a sair em segurança. Em meio ao caos, encontramos acolhimento e cuidado.

Enquanto isso, meu pai estava trabalhando na capital, Porto Alegre, quando também vivenciou os impactos da enchente. A

distância tornava tudo ainda mais angustiante, pois além de enfrentar a situação em que estava, ele acompanhava com preocupação tudo o que estávamos passando.

Mesmo diante das dificuldades, ele encontrou uma forma de transformar a sua angústia e preocupação em ação. Durante meses, dedicou-se como voluntário no Vida Centro Humanístico, um dos maiores abrigos do estado, contribuindo com o atendimento às pessoas que, assim como nós, haviam perdido muito. Lá, teve a oportunidade de vivenciar de perto histórias de superação, sofrimento e também de esperança. Além disso, sempre nos contou, com admiração, sobre o trabalho da organização do local e dos Cozinheiros do Bem, que, com generosidade e dedicação, preparavam refeições para as tantas pessoas acolhidas, levando não apenas alimento, mas também conforto e dignidade em um momento tão delicado.

É nesse contexto que ressaltamos o nosso sentimento de gratidão e compreensão sobre o verdadeiro significado da palavra solidariedade.

Sabemos que, durante aquele período tão difícil, entidades abriram suas portas para acolher inúmeras pessoas que precisavam de um lugar seguro, de alimento, de cuidado e, acima de tudo, de dignidade. Sabemos também que esse acolhimento vai muito além do espaço físico — ele envolve escuta, paciência, dedicação e um olhar humano para cada história.

Por isso, queremos expressar nossa mais sincera gratidão. Mesmo não tendo sido acolhidas diretamente por um desses abrigos, sentimos, como parte de uma grande rede de solidariedade, o impacto positivo do trabalho que realizaram. Cada pessoa acolhida, cada gesto de cuidado, cada esforço realizado contribuiu para fortalecer a esperança em dias tão difíceis.

Vivenciar uma enchente é algo que marca profundamente. Não se trata apenas das perdas materiais, mas das emoções que ficam: o medo, a insegurança, a sensação de vulnerabilidade. Porém, ao mesmo tempo, também revela o melhor das pessoas. Revela a capacidade de se colocar no lugar do outro, de ajudar sem esperar nada em troca, de reconstruir juntos.

Hoje, ao olharmos para trás, reconhecemos que, apesar de tudo o que passamos, não estivemos sozinhos. Fomos amparados por vizinhos, por pessoas desconhecidas e por iniciativas de voluntariado que fizeram a diferença na vida de tantas famílias.

Que esta carta sirva como um registro de reconhecimento e agradecimento. Todo o trabalho realizado deixou marcas positivas e continuará sendo lembrado como um exemplo de humanidade e compromisso com o próximo.

Desejo, do fundo do meu coração, que essa corrente de solidariedade nunca se perca e que todos nós possamos, sempre que possível, retribuir ao mundo tudo aquilo que recebemos em um momento tão delicado.

EMEF 19 de Abril, cidade de Rolante/RS
Com respeito e gratidão,
Ana Lívia Moura de Borba

Com a colaboração de
Sumaia Moura da Rosa e
Carlos Alexandre de Borba



Foto 1: Carlos Alexandre de Borba auxiliando no preparo de refeição no Vida Centro Humanístico. Foto de 22/05/2024. Uso de imagem autorizada.



Foto 2: Abrigo, Vida Centro Humanístico, POA. Foto de 22/05/2024. Usou-se desfoque na foto, respeitando o direito de imagem das possíveis pessoas que pudessem aparecer.

Rolante, 15 de abril de 2026

Prezada Fapergs,

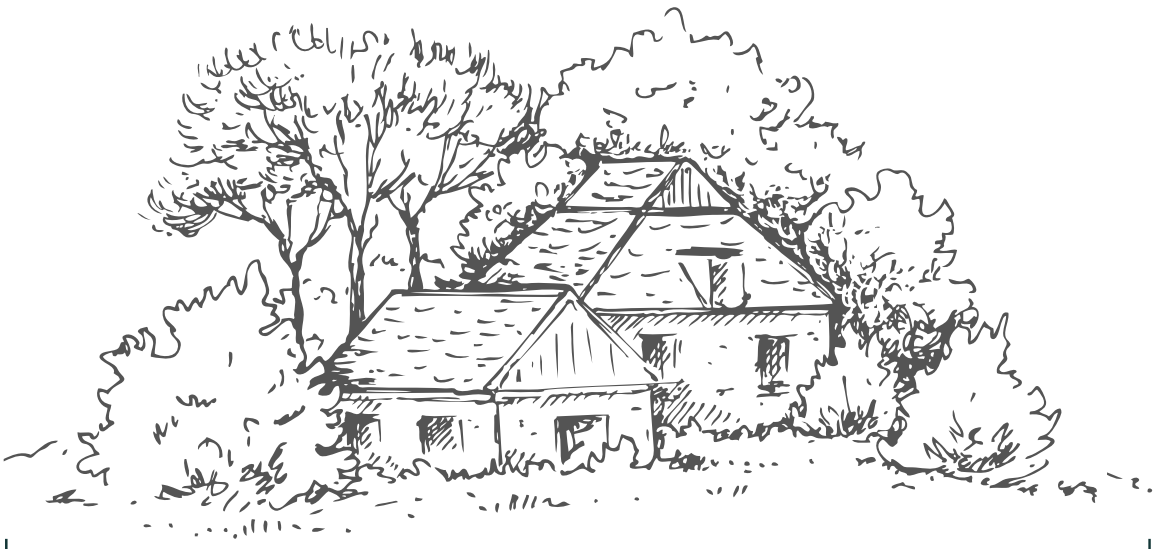
Venho em meio a esta carta para falar o quão triste e assustado fiquei quando ouvi que a escola havia sido atingida pela enchente de 2024. Ver tudo destruído foi realmente um choque, mas por sorte Deus nos ajudou a nos levantar e deixá-la ainda melhor.

Eu também fui atingido pela enchente. Então posso imaginar como foi vê-la naquele estado. Por sorte, eu e minha família conseguimos recuperar muitas coisas de lá para cá. Então fiz essa carta para expressar o que senti e como foi minha experiência nada agradável sobre essa enchente.

Agradeço por termos nos levantado com rapidez e vontade, pois desde esse desastre, já conseguimos conquistar muito mais coisas que antes. Obrigado pela atenção.

Atenciosamente,

Diego Alessandro Pichani de Souza



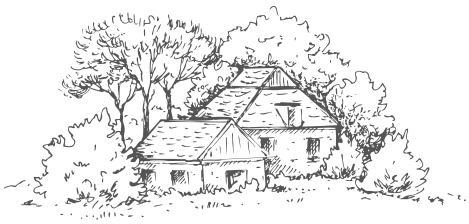
Rolante, 14 de abril de 2026

Prezada EMEF Independência,

Nessa escola, onde passei bons anos, existe um mal que abala de forma cruel, as cheias do rio, que afetam demais toda a comunidade. Sendo assim, venho por meio desta relatar minha experiência como estudante que não teve a casa afetada.

Nossa escola, por ser localizada em uma zona consideravelmente rural, acaba sendo a única entre alunos, pais e professores; assim, ao baixar das águas já tínhamos muitos voluntários ajudando a limpar e reorganizar a escola. Sem receber nada em troca, eles salvaram a educação de nossos jovens, pois muitos que aqui estudam, não teriam como ir até outra escola para estudar, ainda no contexto ambiental nossa cooperativa foi parceira, mesmo estando quase completamente destruída, em meio a esse contexto, foi realizada a assembleia da Cooper. E.I. E então, no dia 10 de julho de 2024, inaugurou-se a chapa que viria a auxiliar na compra de bolas e outros materiais para uso na escola. E pensar, que se não fossem essas pessoas, a escola, a cooperativa, nem nada do que temos hoje, estaria de pé. Obrigada, Escola Independência, por não desistir, por não fechar as portas para nós e por nos disponibilizar tantas oportunidades mesmo em meio ao caos das cheias. Obrigada à nossa comunidade por auxiliar nesse sonho de manter este lugar tão querido que é a escola de pé.

Atenciosamente,
Izabela Wüst de Albuquerque



Rolante, 16 de abril de 2026

Histórias e memórias sobre a enchente de 2024

Caro leitor,

Escrevo esta carta para compartilhar o que vivenciei na enchente de 2024. Primeiramente, quero começar agradecendo à prefeitura da cidade, aos bombeiros e a todos que prestaram apoio durante o período da enchente e após, pois, durante este período, salvaram muitas vidas; quando as águas baixaram, era a hora de reconstruir tudo o que se perdeu.

Neste momento, toda ajuda foi bem-vinda, e isso foi algo que me marcou muito; o jeito como consegui agir positivamente me incentivou a continuar ajudando.

Nessa situação, foi possível ensinar, mas também aprender a suportar tudo com força e fé.

Após o período da enchente passar, fui ajudar a dar apoio à comunidade rolantense: fiz doações de roupas, alimentos, brinquedos e auxiliei na limpeza.

Obrigada pela atenção.
Atenciosamente,
Jenifer Freire Monteiro.



Rolante, 16 de abril de 2026

Enchente de Rolante de 2024 e o que aprendi com ela.

Prezada Comunidade de Rolante,

Escrevo essa carta com muita emoção por lembrar da enchente que atingiu nossa cidade em 2024. Neste dia jamais imaginamos que a chuva que caía iria se transformar no pior pesadelo de muitos moradores.

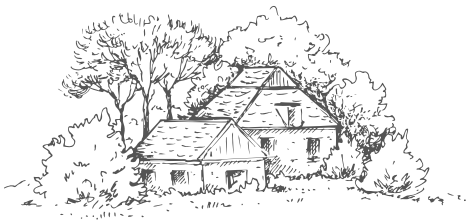
A água começou a fazer o nível do rio subir muito depressa obrigando que as pessoas deixassem suas casas sabendo que todo o esforço do seu trabalho estava sendo destruído, as notícias eram recebidas através das redes sociais onde eram enviados vídeos do que estava acontecendo.

Na minha casa não houve enchente, mas foi triste ver como nossa cidade ficou depois que a água baixou; a gente saía na rua e via no rosto das pessoas muita tristeza. As casas e lojas ficaram cheias de barro e, no meio disso, havia a esperança de conseguir recuperar alguma coisa.

A água pode ter destruído os bens materiais, porém não destruiu a vontade de recomeçar, e esse recomeço aconteceu com bastante ajuda. Muitas pessoas que não foram atingidas, e pessoas de outras cidades, vinham e passavam nas casas ajudando a limpar; outras traziam comida, água, material de limpeza, roupas e móveis. As doações começaram a chegar de outros estados e, mesmo depois de um mês, elas não paravam. A enchente veio e trouxe com ela a solidariedade e união que foram essenciais para a reconstrução da cidade de Rolante.

Atenciosamente,

João Vitor da Conceição Warken



Rolante, 13 de abril de 2026

Querida escola EMEF Independência,

Venho por meio deste escrever esta carta com o coração cheio de gratidão e emoção, lembrando de um momento muito difícil que vivemos juntos: a enchente de 2024, que atingiu nossa escola e toda a cidade de Rolante.

Sabemos que aquele período foi desafiador para todos; ver a nossa escola afetada foi muito triste. Contudo, foi nesse momento que percebemos a força, a união e a solidariedade de toda a comunidade escolar.

Professores, funcionários, alunos e famílias se uniram para enfrentar as dificuldades, ajudando uns aos outros a reconstruir o que parecia perdido.

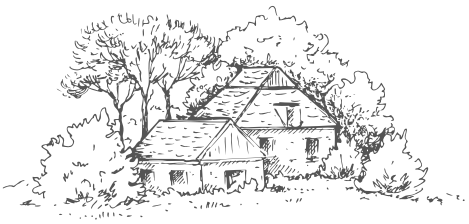
Quero agradecer especialmente a cada pessoa que contribuiu de alguma forma, seja com apoio, dedicação, trabalho ou palavras de incentivo; vocês mostraram que a EMEF Independência é muito mais do que um prédio: é uma verdadeira família.

Mesmo diante das dificuldades, seguimos em frente com esperança e coragem. Essa experiência nos ensinou lições importantes sobre empatia, resiliência e união, que levaremos para toda a vida.

Muito obrigado por não desistirem da nossa escola e por continuarem fazendo dela um lugar de aprendizado, acolhimento e superação.

Atenciosamente,

Leandro Antônio Morschel



Rolante, 16 de abril de 2026

Prezada Fapergs,

Queria relatar um pouco sobre a enchente de 2024. Eu moro em um lugar que enchente não pega, mas naquela noite meu pai acordou e foi ver como estava o rio e quando ele voltou para a casa ele me mandou pegar o celular e ligar para quem eu podia avisando todas as pessoas que a água estava chegando. Poucos minutos depois nós fomos olhar o rio de novo, e a primeira coisa que vimos foi uma geladeira descendo rio abaixo; então já havia atingido uma casa e, logo depois disso, deu um estrondo tão forte que a luz acabou.

Aquela madrugada foi terrível. O dia começou a clarear, e a água estava na vargem da minha casa, começamos escutar o rádio, e estavam falando que praticamente todo Rolante estava debaixo d'água.

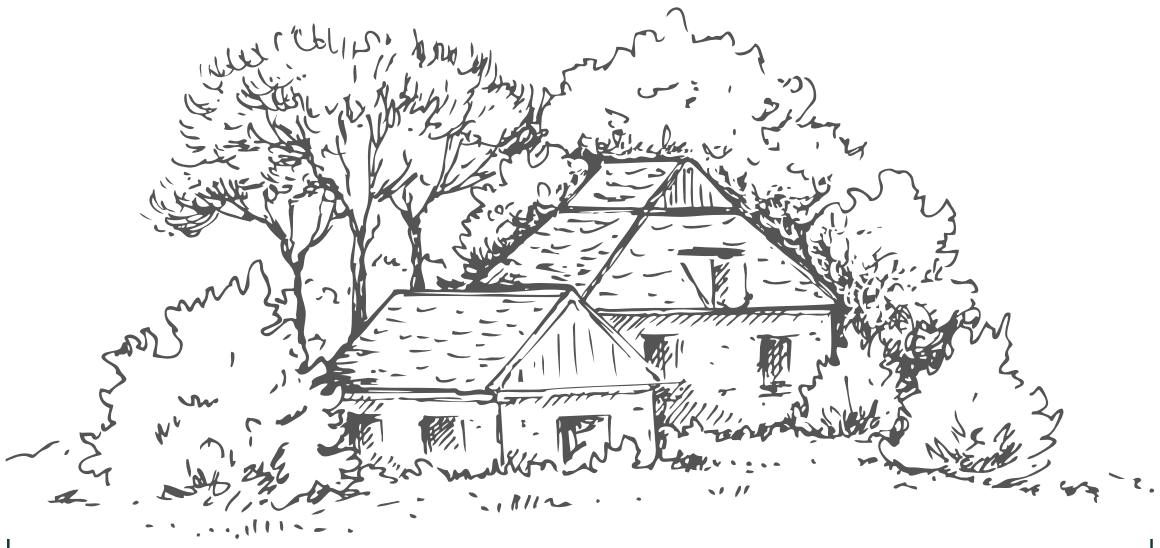
Aquilo tinha sido algo devastador que ia afetar todo o Rio Grande do Sul. No outro dia a escola já estava avisando que não teríamos aula por um bom tempo. Quando fiquei sabendo que a escola tinha sido atingida, eu e minha família viemos ajudar a escola.

Quando cheguei na frente da escola, estava uma pilha de livros, materiais escolares, mesas, cadeiras e outros tipos de materiais. Eu vi alguns de meus amigos e fui ajudá-los a limpar o que precisava. Os bombeiros também vieram ajudar e, com a ajuda de todos, a escola estava de pé em poucos dias. Quando eu saí da escola, fui ajudar alguns de meus familiares. Passamos duas semanas sem aula e, nesse meio tempo, algumas pessoas cogitaram nós irmos estudar na escola Hugo Zimmer, eu não queria estudar em outra escola, queria voltar para a minha.

Mas poucos dias depois veio a notícia de que as aulas voltariam, e eu fiquei muito feliz. Então, naquele dia, quando cheguei na frente da escola e vi ela totalmente limpa e organizada, com a

nossa diretora Elizete recebendo todos os alunos que chegavam, dando um abraço em cada um. E as aulas voltaram ao normal, com tudo bem novamente e muito mais para conseguir.

Atenciosamente,
Murilo Rodrigo Bracher
EMEF Independência



Rolante, 15 de abril de 2026

Histórias e memórias sobre a enchente de maio de 2024.
Prezada comunidade rolantense,

Com zelo lhes escrevo essa carta, para relatar os acontecimentos que vivi na época das enchentes de 2024. O temor era evidente para todas as pessoas na manhã daquele fatídico acontecimento, lembro-me vagamente que questionei a minha mãe se teríamos aula, porém a resposta foi dada de maneira incerta e relutante. O medo não havia me afligido até o momento, pois minha consciência infantil não me permitia sentir tais ameaças apresentadas pelas forças das águas que circundavam o município de Rolante. Porém, conforme as horas foram passando, comecei a entender a gravidade da situação e entendi que minha comunidade estava ameaçada por um perigo que jamais poderia ser controlado.

À tarde, eu estava plenamente ciente de que amigos e pessoas de meu convívio haviam sido afetados gravemente, inclusive minha tão amada escola. A água ainda invadia residências e, embora a minha vizinhança não houvesse sido diretamente afetada, ficamos extremamente preocupados com os moradores do Alto Rolante, pois a chuva não cessava e a noite em breve chegaria. Meu pai relatou, ao voltar para casa perto do entardecer, que havia passado a tarde ajudando aqueles que necessitavam e compartilhou comigo e com minha mãe a situação que o município, antes tão familiar e amado, se encontrava. A situação era devastadora.

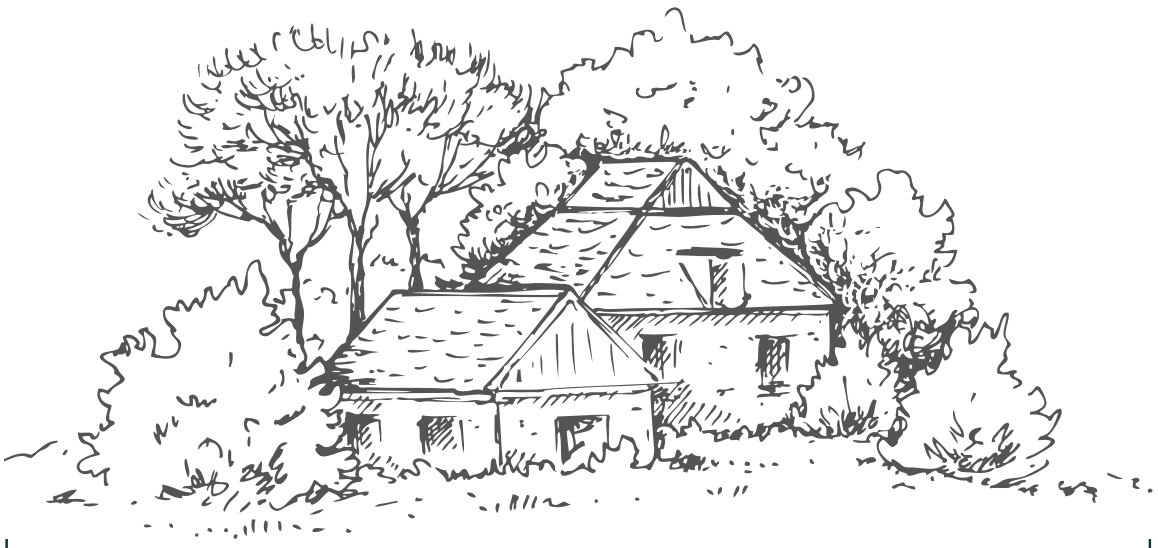
A noite passou de forma angustiante e demorada, porém, ao raiar do dia, a esperança se instalou no coração de todos aqueles que foram afetados de alguma forma. Os moradores locais se uniram para restaurar os danos feitos pela enchente. Foram longos dias de trabalho e reorganização até que tudo fosse reconstituído novamente, porém algo em especial me chamou a atenção. Os moradores, ainda em estado de choque, deram tudo de si para que as residências fossem limpas, os comércios restaurados e, princi-

palmente, para que a querida escola Independência ficasse pronta para receber os alunos novamente. O Governo do Rio Grande do Sul se prontificou e deu roupas, comida, água e segurança para todos aqueles afetados pelas cheias, mostrando que a humanidade ainda se preocupa com o bem-estar do próximo.

Esses grandes gestos do Governo e da comunidade me inspiraram a ajudar o próximo sem me importar com a etnia, raça ou religião e, independente da situação, sempre estar pronta para cuidar das pessoas ao meu redor.

Minha intenção ao escrever essa carta é agradecer a todos aqueles que se dispuseram a ajudar ao próximo, mesmo que também estivessem enfrentando situações delicadas. Saibam que vocês me ensinaram uma grande lição.

Atenciosamente,
Natália de Borba Santos



Rolante, 15 de abril de 2026

Histórias e memórias sobre a enchente de 2024
Prezada comunidade de Rolante,

Escrevo para compartilhar minha experiência na catastrófica enchente de 2024. Onde eu moro, a água da enchente não alcança, porém, uma ex-colega da minha mãe foi atingida. Ela e sua família precisaram sair de onde moravam e ir para a casa de conhecidos próximos, sendo preciso passar alguns dias lá.

Eu e minha família contribuímos doando roupas e alimentos às famílias atingidas. Na época, minha mãe mantinha contato com o dono que alugou uma casa onde nós moramos há alguns anos, e ela contou que ele foi bem atingido. Sua casa ficava em uma estrada à beira do rio, ele perdeu móveis, objetos pessoais e a sua cadela de estimação, que faleceu durante a tragédia.

Minha família não pôde prestar socorro a ele, pois a maioria das estradas estava bloqueada por conta da água. Atualmente, ele reformou a casa, e mora no mesmo lugar, nós sentimos muito pela perda de sua cadela

A enchente foi muito traumática e marcou um estado inteiro, muitas moradias destruídas, muitas vidas perdidas e muitas famílias desestabilizadas.

Rolante foi uma cidade muito afetada, e nós ainda sofremos as consequências da enchente até os dias de hoje. Uma tragédia enorme, da qual a cidade ainda não se recuperou, mas que, unida, vai se reerguer.

Meus cumprimentos.
Atenciosamente,
Sofia Ribeiro Ramos



PARA CONTINUAR A CAMINHADA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As cartas produzidas pelos estudantes são fontes relevantes para a História da Educação; documentos que não são compreendidos como reflexos da realidade, mas como produções que expressam representações, sensibilidades, memórias e modos de atribuir significado às experiências vividas. Elas conectam um passado ainda próximo e um presente que reverbera nesse rememorar (Thomson, 1997). Nesse sentido, as cartas possibilitaram o acesso a formas pelas quais esses alunos-autores interpretaram os impactos das enchentes de 2024 em suas vidas, em suas escolas e em suas comunidades.

As narrativas demonstram que há uma tendência dos alunos a organizar essas memórias de forma cronológica. Alguns usam como ponto de partida memórias de um cotidiano que ainda não havia sido afetado pelas enchentes, como se buscassem evidenciar o modo brusco como essa rotina foi interrompida; outros iniciam esse rememorar destacando o sentimento de descrença em relação a um desfecho mais grave com as chuvas; ainda há os que iniciam a narrativa expressando sentimentos de angústia e de medo resultantes das imagens traumatizantes da água avançando, da retirada de pertences em meio ao caos, da destruição e da perda. Essa busca por equilíbrio na composição das memórias traumáticas emerge nos seguintes trechos: "[...] em uma quarta-feira, atendi às aulas pela manhã e permaneci na escola à tarde para reforço de conteúdo. Ao chegar em casa, fui surpreendido pela visita do meu tio [...] ao ouvir a conversa, descobri [...] sobre a possibilidade de uma inundação" (FRJG – aluno da Fundação Liberato, 2026); "Na última semana de abril começou uma baita chuva, na época só pensei 'vai ser só uma semana chuvosa'. Até que um dia cheguei em casa e não tinha água e luz. Meu vô falou que os rios estavam transbordando. Foi a primeira vez que fiquei com medo de chuva [...]" (Aluno do 7º ano – Esteio, 2026); "[...] eles começaram a organizar nossos móveis e roupas, porém meus pais mandaram eu ficar lá dentro com o meu gato. Só de lembrar me dá arrepios, pois eu lembro da angústia [...] do medo que percorria a espinha, e da dor de ter que enfrentar uma realidade nunca vivida antes" (TCS – aluna da EMEF 25 de julho, 2026).

As cartas registram não apenas acontecimentos, mas também emoções, medos e percepções, constituindo testemunhos dessas crianças e jovens diante de cenas nunca antes vistas e de experiências nunca antes vividas por eles. São sensações que se transformaram em sentimentos, "sensibilidades [que] correspondem às manifestações do pensamento ou

do espírito, pelas quais aquela relação 'original' é organizada, interpretada e traduzida [...]" (Pesavento, 2005, p. 15). Nesse sentido, a perspectiva da História Cultural nos possibilita olhar para essas narrativas que compõem uma dimensão importante nos estudos no campo da educação. Sobre esse período em particular, as fontes apresentam evidências de como essas experiências continuam reverberando e impactando o cotidiano desses sujeitos, como se observa nos relatos a seguir:

> Quando começou a entrar água no porão, eu e meu avô ficamos apavorados. Tentamos achar alguma casa para dar um local para nós; não achamos, pois havia água ou já havia coisas de outras famílias, tive que convencer o meu avô a pegar algumas coisas e deixar o resto. Como já não havia muito a fazer, ele aceitou, mas deu para ver que ele estava muito triste, pois sabia que ia perder tudo (A. C. T. – aluno da EMEF 25 de Julho, 2026).

> Em meio à água, o sofrimento... o receio de deixar ir, a tristeza pelas mortes... por tudo aquilo que só o nada ficou. Em meio aos abrigos e lares cheios, existe, lá no fundo, bem como no profundo das águas, uma esperança de poder recomeçar, a felicidade de ver alguém te ajudar, doar aos outros que passaram por isso juntos. Criamos um vínculo invisível, que mostra uma forte e imbatível vontade de superar o medo constante junto àquela dor de ter passado por uma tragédia não tão natural assim; uma água que, se não correr, forma incerteza e medo... e nesses momentos, é preciso ter não somente a calma do mar do qual já fizemos parte, mas também da força das ondas que vêm... e voltam! Um dia, elas voltam! (J. M. R. L. – aluna da EMEF 25 de Julho).

> [...] Todo o chão da casa já estava coberto com água escura [...] a escada já estava completamente molhada [...] eu bati minha cabeça na quina da escada e rolei, batendo minhas costas também. Eu chorei de tanta dor; meu pai e minha mãe correram para me socorrer, e não havia como ir a um médico porque tudo já estava alagado e a água chegava ao peito do meu pai (Aluno do 8º ano – Esteio, 2026).

Algumas cartas destacam a perda de bens materiais, enquanto outras enfatizam a destruição de memórias, afetos e referências familiares. Configuram-se memórias permeadas pela dor alheia – familiares, vizinhos ou estranhos que, em meio a experiências semelhantes, tornam-se próximos. Outras narrativas evidenciam um olhar cuidadoso sobre os animais abandonados durante a enchente, revelando uma ampliação da noção de cuidado desses jovens estudantes. São manifestações que permitem compreender

os modos como essas emoções são socialmente construídas e compartilhadas, e como esses alunos representam, por meio da escrita, as experiências vividas nesse contexto. Contudo, não são somente sentimentos de tristeza, medo e angústia os expressos por eles; à medida que essa cronologia vai avançando durante esse rememorar, outras sensibilidades são acionadas, como a esperança, a gratidão e a compaixão. Estas aparecem especialmente associadas às lembranças do acolhimento recebido em abrigos, da ajuda oferecida pela comunidade e das ações de doadores que ajudaram a recompor muitas dessas "histórias" que foram levadas junto com as águas da enchente. Evidências dessa transição afetiva estão marcadas nas narrativas dos estudantes: "Foram longos dias de trabalho e reorganização [...] os moradores, ainda em estado de choque, deram tudo de si para que as residências fossem limpas, os comércios restaurados, e principalmente, para que a querida escola Independência ficasse pronta" (N. S. – aluna de Rolante). "[...] Encontramos pessoas que não sabiam nossos nomes, mas nos ofereceram cuidado. Que não conheciam nossas histórias, mas nos deram escuta. Que, mesmo sem ter tudo, dividiram o que tinham. Pequenos gestos que, naquele momento, tinham o tamanho do mundo" (Alunos da Escola Paulo Beck – São Leopoldo).

Outro aspecto significativo é a centralidade da escola nas representações dos estudantes. A instituição escolar aparece não apenas como espaço de ensino, mas como lugar de acolhimento, proteção e reconstrução coletiva. Em várias cartas, a escola é apresentada como uma comunidade afetiva, uma "família", capaz de mobilizar todos os sujeitos em torno da recuperação do seu espaço. Essa representação evidencia o papel da escola na constituição de vínculos comunitários, de pertencimento e na construção de identidades coletivas, conforme emerge nos fragmentos: "Escolas foram transformadas em abrigos e precisaram ser fechadas; muitas pessoas perderam seus pertences e até o contato com familiares [...]" (M. C. B – Aluna da Escola Arthur Oscar Jochims); "[...] dias depois veio a notícia que as aulas voltariam, eu fiquei muito feliz, então naquele dia quando cheguei na frente da escola a vi totalmente limpa e organizada, com a nossa diretora Elizete recebendo todos os alunos que chegaram, dando um abraço em cada um" (M. R. B. – Aluno da EMEF Independência); "[...] não fossem essas pessoas, a escola, a cooperativa, nem nada do que temos hoje, estaria de pé, obrigada, escola Independência, por não desistir, por não fechar as portas para nós [...] obrigada à nossa comunidade por auxiliar nesse sonho de manter esse lugar tão querido que é a escola, de pé" (I. W. A. – Aluna da EMEF Independência); "Quero agradecer especialmente a cada pessoa que contribuiu de alguma forma, seja com apoio, dedicação, trabalho ou palavras de incentivo, vocês mostraram que a EMEF Independência é muito mais do que um prédio: é uma verdadeira família" (L. A. M. – Aluno da EMEF Independência).

As cartas evidenciam aprendizados e processos educativos que ultrapassam os conteúdos escolares formais, relacionando-se à formação ética, cidadã e comunitária, especialmente vinculadas às experiências de solidariedade exercitadas pelos próprios alunos, pelas comunidades e por sujeitos externos ao convívio comunitário. Isso se projeta na recorrência de agradecimentos a doadores, voluntários, bombeiros, instituições e órgãos públicos. A solidariedade aparece como valor moral e prática social capaz de enfrentar os efeitos da tragédia, como se destaca a seguir: "Esses grandes gestos do Governo e da comunidade me inspiraram a ajudar o próximo sem me importar com a etnia, raça ou religião, e, independentemente da situação, sempre estar pronta para cuidar das pessoas ao meu redor" (N. B. S. – Aluna de Rolante); "Vivenciar uma enchente é algo que marca profundamente [...] Porém, ao mesmo tempo, também revela o melhor das pessoas. Revela a capacidade de se colocar no lugar do outro, de ajudar sem esperar nada em troca, de reconstruir juntos" (A. L. B. – EMEF 19 de Abril).

Em síntese, essas cartas se configuram como subsídios de uma cultura escolar (Benito, 2000) que se reconstrói com o acontecimento, cujas práticas e tempos extrapolam os muros institucionais para responder a uma situação de emergência. Ao transformarem a dor e o trauma em escrita, os estudantes desenvolvem um trabalho de recomposição da memória (Thomson, 1997) que entrelaça o individual e o coletivo, oferecendo novos ou diferentes contornos sobre a tragédia. Essas narrativas desvelam sensibilidades (Pesavento, 2005), evidenciando o deslocamento do medo e do desamparo em direção à solidariedade e ao pertencimento comunitário. Portanto, não são somente registros da maior catástrofe climática do Rio Grande do Sul; as cartas pedagógicas constituem fontes documentais significativas para a História da Educação. Elas guardam os testemunhos de uma infância e de uma juventude que, ao narrarem a si e ao mundo, revelam como os processos formativos, a circulação de valores e a produção de identidades estão continuamente em elaboração; também que essa tentativa de ordenar o acontecido a partir das sensibilidades produzidas culmina em um sentimento coletivo que é significado como "resistir", "ajudar-se" e "recomeçar".

HISTÓRIAS QUE PERMANECERAM: CARTAS PARA A ESCOLA E PARA O FUTURO EM FORMA DE POSFÁCIO

As enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024 constituem um dos acontecimentos socioambientais mais significativos da história recente do estado. Seus impactos ultrapassaram os danos materiais e a destruição de infraestruturas, alcançando dimensões humanas, afetivas, educativas e comunitárias que ainda seguem em processo de elaboração. Neste contexto, o presente livro assume uma contribuição singular: registrar e valorizar as narrativas produzidas por crianças e jovens sobre uma experiência que marcou profundamente suas trajetórias de vida e as de todos nós.

Ao reunir cartas escritas por estudantes, esta obra desloca o olhar tradicionalmente centrado nos discursos adultos e institucionais para reconhecer as crianças e os jovens como sujeitos capazes de interpretar, significar e narrar a realidade que vivenciam. Tal perspectiva encontra respaldo nos estudos da Sociologia da Infância, que, especialmente a partir das contribuições de autores como William Corsaro e Manuel Sarmento, passou a compreender as crianças não como meros receptores da cultura produzida pelos adultos, mas como atores sociais competentes, produtores de cultura e participantes ativos da vida social (Corsaro, 2011; Sarmento, 2004).

As cartas presentes neste livro evidenciam exatamente essa capacidade interpretativa. Mais do que relatos de fatos, elas expressam percepções, emoções, preocupações, aprendizagens e esperanças. Revelam modos particulares de compreender a perda, a solidariedade, o medo, a reconstrução e o pertencimento. Ao fazê-lo, demonstram que os efeitos de um desastre climático não podem ser plenamente compreendidos sem a escuta daqueles que o vivenciaram em suas condições de crianças e jovens.

Sob a perspectiva histórico-cultural, inspirada em Lev Vygotsky, compreendemos que os significados atribuídos às experiências humanas são construídos socialmente por meio da linguagem e das interações estabelecidas com os outros. Escrever uma carta sobre as enchentes não constitui apenas um exercício de registro ou memória; trata-se de um processo de elaboração simbólica da experiência vivida (Vygotsky, 2001). Ao narrar acontecimentos, organizar pensamentos e compartilhar sentimentos, os estudantes produzem sentidos sobre o mundo e sobre si mesmos, transformando vivências individuais em conhecimento socialmente compartilhado.

Nesse sentido, este livro também pode ser compreendido como um exercício de participação. A Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU, 1989), reconhece o direito das crianças de expressar suas opiniões sobre assuntos que afetam suas vidas. Contudo, a efetivação desse direito ainda representa um desafio em muitos contextos educativos e sociais. Ao abrir espaço para que crianças e jovens relatem suas experiências, esta obra contribui para fortalecer uma cultura de escuta, diálogo e reconhecimento das múltiplas formas de participação infantil e juvenil.

As narrativas aqui reunidas oferecem ainda importantes contribuições para a educação. Em suas entrelinhas, emergem reflexões sobre o papel da escola em momentos de crise, a importância dos vínculos estabelecidos entre estudantes, docentes e comunidades, bem como os desafios enfrentados para garantir o direito à educação em contextos de emergência. As cartas revelam que a escola é muito mais do que um espaço de transmissão de conhecimentos: é também um lugar de acolhimento, proteção, reconstrução de rotinas e fortalecimento da esperança, como afirma Freire (2021).

Em um cenário mundial marcado pelo aumento da frequência e da intensidade dos eventos climáticos extremos, as vozes das novas gerações tornam-se particularmente relevantes. As crianças e os jovens de hoje crescerão em um mundo cada vez mais impactado pelas mudanças climáticas e, por isso, suas experiências e percepções precisam integrar os debates acadêmicos, educacionais, sociais e políticos sobre sustentabilidade, justiça climática e resiliência comunitária. Escutá-los é uma condição necessária para a elaboração de conhecimentos mais completos, democráticos e socialmente comprometidos.

Ao final desta leitura, nós, autores aqui reunidos – grupo que integramos com alegria, gratidão e orgulho – somos todos(as) convidados(as) a reconhecer que as cartas aqui publicadas constituem documentos históricos, educativos e humanos. Históricos, porque registram a memória de um acontecimento que marcou uma geração. Educativos, porque revelam processos de aprendizagem, reflexão e construção de sentidos. Humanos, porque expressam, com autenticidade e sensibilidade, experiências que dificilmente poderiam ser traduzidas apenas por números, estatísticas ou relatórios técnicos.

Que este livro possa inspirar pesquisadores, educadores, gestores públicos, famílias e comunidades a ampliar os espaços de escuta das crianças e dos jovens. Que suas palavras continuem ecoando para além destas páginas, lembrando-nos que compreender os desafios do presente e construir respostas para o futuro exigem reconhecer as infâncias e juventudes não apenas como destinatárias de políticas e ações educativas,

mas como protagonistas da elaboração de conhecimento sobre o mundo que habitam e que ajudam a transformar.

Profa. Dra. Hildegard Susana Jung
Universidade La Salle

Profa. Dra. Márcia Regina da Silva
Universidade La Salle e Rede Municipal de Educação Básica de Esteio/RS

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS E SANEAMENTO BÁSICO (ANA). **As enchentes no Rio Grande do Sul**: lições, desafios e caminhos para um futuro resiliente. Brasília: ANA, 2025.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

CANDAU. Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ERRANTE, Antoniette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **História da educação**, v. 4, n. 8, p. 141-174, set. 2000. Disponível em: http://www.seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143/0. Acesso em: 12 fev. 2014.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Processo de escolarização no Brasil: algumas considerações e perspectivas de pesquisa. *In*: MENESES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória e história**: possibilidades, leituras. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 17-38.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. *In*: ZITKOSKI, Jaime José; STRECK, Danilo Romeu; REDIN, Euclides. **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GINDRI, Valentina. O resgate da memória após as enchentes no RS. **DW**, Bonn, 25 maio 2024. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/o-resgate-da-mem%C3%B3ria-ap%C3%B3s-as-enchentes-no-rs/a-69171535. Acesso em: 12 fev. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Nova York: ONU, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Colloques, 4 mar. 2004. Disponível em: http://nuevomundo.revues.org/229. Acesso em: 27 maio 2026.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e Representações: uma trajetória. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 45-58, jan./dez. 2006.

RIO GRANDE DO SUL; MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL (MIDR); NAÇÕES UNIDAS BRASIL (ONU BRASIL); GRUPO DO BANCO MUNDIAL (GBM); BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO; COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL) (org.). Avaliação dos efeitos e impactos das inundações no Rio Grande do Sul. Relatório. Porto Alegre; Brasília Rio Grande do Sul; MIDR; ONU Brasil; GBM; BID; CEPAL, nov. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mdr/pt-br/noticias/cheias-do-rio-grande-do-sul-agilidade-federal-evita-impacto-negativo-de-1-1-ponto-percentual-no-pib-do-estado/AvaliaodosefeitoseimpactosdasinundaesnoRioGrandedoSulNov2024.pdf. Acesso em: 7 ago. 2026.

SALATINO, Vialana Ester; SOUZA, José Edimar de. **(Des)abrigadas e vulneráveis**: sobre mulheres e crianças em abrigamentos escolares. São Leopoldo: Oikos, 2026.

SALATINO, Vialana Ester; SOUZA, José Edimar de; MUNHOZ, Luis Paulo Soares. **A força de Maria**: uma história de superação. São Leopoldo: Casa Leiria, 2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. *In*: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (org.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SOUZA, José Edimar de. **As enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul**: memórias, práticas e transformações. São Leopoldo: Oikos, 2026.

SOUZA, José Edimar de; DEWES, Elisângela C. Silva. Reflexões sobre as enchentes no Rio Grande do Sul e as reconfigurações nas instituições escolares em auxílio às comunidades impactadas. *In*: SOUZA, José Edimar de (org.). **Escola e crise climática no Rio Grande do Sul.** As enchentes de 2024. São Leopoldo: Oikos, 2025, p. 15-37. v. 1.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a memória:** questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 9-38, abr. 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOBRE OS AUTORES



José Edimar de Souza, Doutor em Educação, com estágio de pós-doutorado em Educação, mestre em Educação e graduado em História pela UNISINOS. Graduado em Pedagogia pelo Claretiano e graduado em Geografia e Biblioteconomia pela UCS. Graduado em Sociologia pela UNIFAHE. Especialista em: Gestão da Educação pela UFRGS; Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FEEVALE; Supervisão Escolar, História do Brasil e Orientação Educacional pela Signorelli. É coordenador do GT-02 História da Educação da ANPEd. Integra o programa Bibliografia Viva/UFMG. Coordena o repositório ECOAR. É titular do Comitê de Pesquisa da FAPERGS. É membro da Sociedade Brasileira de História da Educação e Sociedad Española de Historia de la Educación. Integra Rede Iberoamericana para Investigação e a Difusão do Patrimônio Histórico Educativo (RIDPHE). É vice-líder do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória. É bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. É especialista em educação na Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha. É professor da Universidade de Caxias do Sul, atua na graduação na Área de Humanidades e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em História.



Elisângela Cândido da Silva Dewes, Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Bolsista de Pós-Doutorado (FAPERGS), no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS. Integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM) e Bibliografia Viva (UCS / FAE-UFMG / UEMG / UFPE / ANPED). Graduação e Especialização em Comunicação Social (UCS) e Licenciatura em Sociologia (UNIFAHE). Com mais de vinte anos de experiência na área da Comunicação em instituições como: Fundação Universidade de Caxias do Sul (Hospital Geral), RBS TV Caxias, Rádio Caxias. Com trabalhos de pesquisa nas seguintes temáticas: impressos/imprensa pedagógica, cinema educativo, cultura material escolar, escolas rurais, história da educação, escolas-abrigos, crise climática e educação.

Em um cenário mundial marcado pelo aumento da frequência e da intensidade dos eventos climáticos extremos, as vozes das novas gerações tornam-se particularmente relevantes. As crianças e os jovens de hoje crescerão em um mundo cada vez mais impactado pelas mudanças climáticas e, por isso, suas experiências e percepções precisam integrar os debates acadêmicos, educacionais, sociais e políticos sobre sustentabilidade, justiça climática e resiliência comunitária. Escutá-los é uma condição necessária para a elaboração de conhecimentos mais completos, democráticos e socialmente comprometidos.

Profa. Dra. Hildegard Susana Jung
Profa. Dra. Márcia Regina da Silva

FAPERGS
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul

GRUPHEIM
Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória

UCS
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Casa Leiria